

PRIMEIRA DÉCADA DO CURSO DE LETRAS LIBRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Direitos equitativos, compromissos legais e sociais na Academia



ORGANIZADORAS: Cleide Emília Faye Pedrosa,
Alzenira Aquino de Oliveira, Ana Flora Schlindwein

Primeira década do curso de Letras Libras da Universidade Federal de Sergipe: direitos equitativos, compromissos legais e sociais na Academia

ORGANIZAÇÃO

Cleide Emília Faye Pedrosa

Alzenira Aquino de Oliveira

Ana Flora Schlindwein



CENTRO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS EM CULTURA — CLAEAC

DIRETORIA EXECUTIVA

Me. Bruno César Alves Marcelino

Diretor-Presidente

Dra. Betania Maciel

Diretora Vice-Presidente

Dr. Fábio do Vale

Diretor Vice-Presidente

EDITORIA CLAEAC

Me. Bruno César Alves Marcelino

Editor-Chefe

Lic. Jéssica Biltches Costa

Editora-Executiva

Dr. Lucas da Silva Martinez

Editor-Chefe Adjunto

Bela. Valéria Lago Luzardo

Editora-Assistente

CONSELHO EDITORIAL

Dra. Ahtziri Erendira Molina Roldán

Universidad Veracruzana | México

Dra. Denise Rosana da Silva Moraes

Universidade Estadual do Oeste do Paraná | Brasil

Dr. Djalma Thürler

Universidade Federal da Bahia | Brasil

Dr. Daniel Levine

University of Michigan | Estados Unidos da América

Dra. Danielle Ferreira Medeiro da Silva de Araújo

Escola Nacional de Administração Pública | Brasil

Dr. Fábio do Vale

Faculdade Insted | Brasil

Dr. Fabricio Pereira da Silva

Universidade Federal Fluminense | Brasil

Dr. Francisco Xavier Freire Rodrigues

Universidade Federal de Mato Grosso | Brasil

Dra. Isabel Cristina Chaves Lopes

Universidade Federal Fluminense | Brasil

Dr. José Serafim Bertoloto

Universidade de Cuiabá | Brasil

Dra. Marie Laure Geoffray

Université Sorbonne Nouvelle — Paris III | França

Dra. Ludmila de Lima Brandão

Universidade Federal do Mato Grosso | Brasil

Dr. Marco Antonio Chávez Aguayo

Universidad de Guadalajara | México

Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia | Brasil

Dr. Ronaldo Silva

Universidade Federal do Paraná | Brasil

Dra. Sandra Catalina Valdetaro

Universidad Nacional de Rosario | Argentina

Dra. Susana Dominzaín

Universidad de la República | Uruguai

Dra. Suzana Ferreira Paulino

Universidade Federal Rural de Pernambuco | Brasil

Dr. Wilson Enrique Araque Jaramillo

Universidad Andina Simón Bolívar | Equador

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 5988 de 14/12/73. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida para fins comerciais, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros. Aplica-se subsidiariamente a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

Diagramação

Valéria Lago Luzardo

Capa

Abrãao Vergasta Reis e Cleide Emília Faye Pedrosa, com auxílio de inteligência artificial (Google Gemini)

Revisão final

Cleide Emília Faye Pedrosa

ISBN

978-65-86746-58-7

DOI

<https://doi.org/10.23899/9786586746587>

Disponível em

https://publicar.claec.org/editora/pt_BR/catalog/book/170

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Primeira década do curso de Letras Libras da Universidade Federal de Sergipe [livro eletrônico]: direitos equitativos, compromissos legais e sociais na Academia / organização Cleide Emília Faye Pedrosa, Alzenira Aquino de Oliveira, Ana Flora Schlindwein. 1. ed. Foz do Iguaçu: Editora CLAEC, 2026. PDF.

Vários autores.

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-86746-58-7

1. Língua Brasileira de Sinais. 2. Educação de Surdos. 3. Metodologia Bilingue. 4. Relato de Experiências. I. Título.

CDD: 400

Os textos contidos neste e-book são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores e autoras, incluindo a adequação técnica e linguística.

Dedicamos esta obra a todos os alunos e professores
do Curso de Letras Libras da Universidade Federal de Sergipe,
tantos aos alunos ativos quanto aos egressos.

Prefácio

No silêncio da escrita, li o convite da Professora Alzenira Aquino de Oliveira, em nome dos professores autores, para prefaciar este livro, a significação e o teor da mensagem, desvelaram um barulho em si, pois estava implicada nesta escolha, a relação acadêmica entrelaçada em outros momentos da nossa caminhada na Universidade Federal de Sergipe/UFS. No entanto, o barulho em si desvelava, também, uma outra significação que acrescentou mais prazer e alegria, qual seja, o reconhecimento, uma vez que, o motivo deste convite tomou como referência o meu envolvimento na Educação Inclusiva e nos diferentes momentos, antes e durante, a instalação do curso de graduação em Letras- LIBRAS Licenciatura, da Universidade Federal de Sergipe

Assim, o convite estaria confirmando o que nos ensina Leão (2005); “o barulho do silêncio constitui a forma originária de dizer”, portanto, os ecos que ressoaram da história vinham do meu caminhar, durante o tempo em que estava na Chefia do Departamento de Educação/DED, mediando a inclusão da disciplina Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) nos currículos dos cursos de Licenciatura e de Fonoaudiologia da UFS/Campus de São Cristóvão, em 2008. Os primeiros passos foram dados inicialmente, com a contratação da professora substituta, Margarida Maria Telles e, posteriormente, em 2010, com a realização do primeiro concurso, quando foram aprovadas as professoras Margarida Maria Telles e Larissa Silva Rebouças, primeira professora surda a ser aprovada em concurso público e a ministrar a disciplina LIBRAS, na UFS.

Ainda do meu caminhar caminhando, ecos vinham, também, da minha história como Diretora do Centro de Educação e Ciências Humanas, período em que participei da implantação do curso de graduação em Letras-LIBRAS Licenciatura da UFS, implantado em 21 de novembro de 2013. Marcando o tempo, o Plano de Acessibilidade da Educação Superior do MEC — Programa INCLUIR — estaria garantindo o acesso e permanência a todos os alunos surdos que assumiram o desafio do vestibular junto ao Departamento de Letras Estrangeiras/DLES, sob a chefia do Prof. Dr. Sandro Márcio Drumond Alves Marengo e da Prof^a Dra. Cleide Emília Faye Pedrosa, como primeira coordenadora do curso Letras LIBRAS, com o mandato para o biênio 2014-2016. Com a Resolução nº. 40/2016/CONSU, foi criado o Departamento de Letras LIBRAS (DELI)/CECH que teve como primeira chefe, a Profa. Dra. Alzenira Aquino de Oliveira,

com dois mandatos consecutivos, correspondentes aos biênios 2016-2018 e 2018-2020. Na sequência o Prof. Dr. Edivaldo da Silva Costa foi eleito o segundo chefe do DELI com o mandato para o biênio 2020-2022.

A leitura do livro intitulado *Primeira década do curso de Letras Libras da Universidade Federal de Sergipe: direitos equitativos, compromissos legais e sociais na Academia*, revela a importância e o comprometimento com a história, o desenvolvimento de novas práticas, além da prática do diálogo nessa caminhada histórica, realçando a escuta das palavras de Freire (1992) quando argumenta a favor do ser sendo, do fazer fazendo, do aprender aprendendo, a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho por causa do qual a gente se põs a caminhar. Mergulhei no jardim do tempo, puxei da memória os passos do caminhar que antecederam a instalação do curso em foco e, especificamente, a criação do Departamento Letras LIBRAS no CECH/UFS. A escrita deste prefácio me emocionou pelo privilégio em poder ver o sonho sonhado, hoje em constante realização.

Encantada com a produção escrita dos professores e alunos egressos, transversalizada pelo tempo, busco Caetano Veloso, quando na música 'Oração do tempo' poetiza "por seres tão inventivo e pareceres continuo tempo, tempo, tempo. És um dos deuses mais lindos. Tempo, tempo, tempo, tempo" o livro deixa transparecer o comprometimento histórico, político e pedagógico do processo de formação dos professores de Letras LIBRAS, sendo e se fazendo inclusivo. Com todo prazer me permito a convidar todos a ler o livro *Primeira década do curso de Letras Libras da Universidade Federal de Sergipe: direitos equitativos, compromissos legais e sociais na Academia*, para na multiplicidade do olhar compreender como os autores deram-se as mãos desvelando como a acessibilidade é o caminhar da história no fortalecimento de um processo inclusivo em formação de professores em Letras LIBRAS.

O abre alas do livro é o capítulo I *O Curso de Graduação em Letras/LIBRAS Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe*, cujos autores Edivaldo da Silva Costa, Alzenira Aquino de Oliveira e Mônica de Gois Silva Barbosa entrelaçam o tempo, memória e história e, dessa forma, definem como propósito neste capítulo documentar a trajetória histórica do curso e do departamento de Letras/LIBRAS do CECH/UFS, da gênese à contemporaneidade. Nesta perspectiva, os autores focam a nascente da oferta da disciplina LIBRAS na UFS, em 2008 e tomam como marco teórico espaço temporal o ano de 2013 que simboliza a gênese da implementação do curso até os dias atuais. Os autores ainda explicitam que adotaram, na metodologia, uma abordagem

histórica com elementos constitutivos da pesquisa documental por meio de fontes primárias e secundárias.

No capítulo seguinte, *Educação de surdos e os dez anos do curso de Letras/Libras: compromissos profissional, legal e social de uma professora ouvinte*, a Prof^a. Cleide Emília Faye Pedrosa apresenta sua contribuição para o conhecimento sobre a educação de surdos no Ensino Superior no Brasil, especialmente na Universidade Federal de Sergipe. Toma como ponto de partida uma reflexão sobre sua experiência como professora ouvinte das disciplinas Linguística e Sociolinguística no curso de Letras Libras. Toma como base teórica os Estudos Culturais e metodologicamente se fundamenta em pesquisas bibliográficas e no método etnossociológico. Pretende, no contexto da comemoração desses dez anos do curso de Licenciatura em Letras Libras da UFS, disponibilizar alguns dados referenciais sobre os cursos de Letras Libras no Nordeste e, especificamente, em Sergipe.

No texto do capítulo III, *Curso de Letras Libras: engajamento da comunidade surda da Universidade Federal de Sergipe – do Nordeste para o mundo*, a Profa. Cleide Emília Faye Pedrosa estabelece vínculos com o capítulo anterior, mantendo sua base teórica, a divulgação, aprofunda a reflexão; fala do lugar, como primeira coordenadora do curso, eleita oficialmente, posição que lhe permitiu estabelecer uma interação com docentes, intérpretes, discentes e autoridades institucionais, em prol da visibilidade dessa tão requerida licenciatura. A partir desse lugar, realça a importância da conscientização política e pedagógica da comunidade acadêmica em relação ao respeito às pessoas surdas e aos seus direitos, razão pela qual adotou como metodologia a pesquisa documental, estabeleceu como objetivo geral refletir sobre o papel da divulgação do curso Letras/ LIBRAS (Licenciatura), nacional e internacionalmente.

No capítulo IV, *O prazer literário: poéticas leitoras com a comunidade surda*, o professor Fernando de Mendonça abre um diálogo extremamente interessante com os leitores ao considerar a importância do papel da Literatura Surda na construção da identidade, cultura e subjetividade da criança, estimulando o desenvolvimento afetivo, social e cognitivo. Diante da importância da literatura surda, o autor trabalha com relatos de experiência docente narrados de forma ensaísta, na primeira pessoa. A abordagem metodológica foi a autoetnografia. Apresentou uma síntese de importantes episódios vivenciados no intervalo entre os anos de 2015 e 2025, com ênfase no início da trajetória do curso e nas alianças firmadas em nível institucional, regional e nacional, o que oportuniza uma reflexão sobre a literatura surda como um elemento fortalecedor de sua comunidade.

De forma singular o livro é finalizado com o capítulo V, *Da graduação à docência: vivências de egressos do Curso de Letras Libras que atuam como professores substitutos na UFS*, sob a autoria da professora Rubivânia Andrade de Carvalho, e os professores Antônio Rúbio Andrade de Carvalho e José Affonso Tavares Silva. A singularidade do texto está em se construir de forma qualitativa numa resposta ao próprio curso. Os autores apresentam um relato de experiência, com o objetivo principal apresentar vivências de egressos do curso que atuaram como professores substitutos de Libras na mesma instituição de ensino. A proposta busca discutir os desafios e os aprendizados envolvidos na transição da condição de licenciandos para a prática docente no Ensino Superior, considerando as especificidades desse nível de ensino e da atuação de professores surdos e ouvintes no ensino de Libras em contextos acadêmicos. As experiências vividas são registros das práticas realizadas pelos egressos no período de 2018 a 2025, e contemplam as perspectivas de cada professor, desde a formação inicial à prática docente propriamente dita.

Parabéns aos autores por saberem entrelaçar, no tempo presente, o passado e gerarem, com sabor, o desejo do conhecimento, da história, da pesquisa, da narrativa, experiência e da práxis pedagógica. A leitura, naturalmente, vai fazer brotar em cada leitor o pensar com autonomia, e o desejo de novas buscas, novas experiências, fortalecendo, cada vez mais, a constituição do processo inclusivo na formação de professores. A singularidade dessa produção está em si própria! O registro permanece assegurando a história!

Iara Maria Campelo Lima¹
Aracaju, 21 de abril de 2026

¹ Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe (1976), Especialização em Psicopedagogia pela Faculdade de Estudos Sociais Aplicados de Aracaju (1998), mestrado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1984) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2009). Foi Professora “Associado Nível 3”, Universidade Federal de Sergipe e Diretora do Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH). A Profa. Dra. Iara Maria Campelo Lima, quando Diretora do CECH, foi um grande suporte para a abertura do Curso de Letras Libras. Tem experiência na área de Psicopedagogia Institucional e Clínica e na área da Educação, com ênfase na educação inclusiva, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professor, educação especial, educação inclusiva, alfabetização, literatura infantil, Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem.

SUMÁRIO

O Curso de Graduação em Letras LIBRAS Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe **10**

Edivaldo da Silva Costa, Alzenira Aquino de Oliveira, Mônica de Gois Silva Barbosa

 10.23899/9786586746587.1

Educação de surdos e os dez anos do curso de Letras Libras: compromissos profissional, legal e social de uma professora ouvinte **28**

Cleide Emília Faye Pedrosa

 10.23899/9786586746587.2

Curso de Letras Libras: engajamento da comunidade surda da Universidade Federal de Sergipe – do Nordeste para o mundo **48**

Cleide Emília Faye Pedrosa

 10.23899/9786586746587.3

O prazer literário: poéticas leitoras com a comunidade surda **59**

Fernando de Mendonça

 10.23899/9786586746587.4

Da graduação à docência: vivências de egressos do curso de Letras Libras atuando como professores substitutos na UFS **68**

Antônio Rúbio Andrade de Carvalho, Rubivânia Andrade de Carvalho, José Affonso Tavares Silva

 10.23899/9786586746587.5

Sobre os autores e autoras **80**

Sobre as organizadoras **81**

1

O Curso de Graduação em Letras LIBRAS Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe

Edivaldo da Silva Costa

Alzenira Aquino de Oliveira

Mônica de Gois Silva Barbosa

Introdução

O intuito desse capítulo é documentar a trajetória histórica do curso e do departamento de graduação em Letras LIBRAS Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe, da gênese à contemporaneidade. A metodologia adotou uma abordagem histórica com elementos constitutivos da pesquisa documental por meio de fontes primárias e secundárias.

Para historicizar o percurso e traçar os avanços, as conquistas e as perspectivas foi adotado como marco espaço-temporal o ano de 2013 que simboliza a gênese da implementação do curso até os dias atuais.

Os instrumentos de coleta de dados foram as Portarias e Resoluções² disponíveis digitalmente na página oficial do DELI³, lista de aprovados em Letras LIBRAS disponível na página da Coordenação de Concurso Vestibular — CCV⁴ e também acervos pessoais como fotografias.

Para melhor compreensão do tema aqui proposto, este capítulo está sistematicamente desenvolvido obedecendo os seguintes tópicos:

1. A Implantação da Disciplina Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS;
2. O Curso Letras LIBRAS Licenciatura e o Departamento de Letras LIBRAS (DELI) da UFS;
3. Estrutura e Funcionamento do DELI;
4. Estrutura da Matriz Curricular – Projeto Pedagógico do Curso.

² Portaria nº 0100 de 12 de janeiro de 2017 designa Alzenira Aquino de Oliveira para exercer a função de chefe do Departamento de Letras LIBRAS; Portaria nº 1608 de 21 de dezembro de 2018 designa Alzenira Aquino de Oliveira para exercer a função de chefe do Departamento de Letras LIBRAS; Portaria nº 113 de 11 de dezembro de 2020 designa Edivaldo da Silva Costa para exercer a função de chefe do Departamento de Letras LIBRAS; Portaria nº. de 261 de 28 de fevereiro de 2023 designa Fernando de Mendonça para exercer a função de chefe do Departamento de Letras LIBRAS; Portaria nº 22 de 07 de janeiro de 2025 designa Alzenira Aquino de Oliveira para exercer a função de chefe do Departamento de Letras LIBRAS; Resolução nº. 50/2013/CONEPE aprova o Projeto Pedagógico do Curso de graduação em Letras LIBRAS; Resolução nº. 40/2016/CONSU aprova o desmembramento do Departamento de Letras LIBRAS do Departamento de Letras Estrangeiras; Resolução nº. 33/2020/CONEPE altera o Projeto Pedagógico do Curso de graduação em Letras LIBRAS; Resolução nº. 34/2020/CONEPE altera a departamentalização do Departamento de Letras LIBRAS; Resolução nº. 22/2021/CONEPE regulamenta o processo seletivo para o ingresso no curso de graduação em Letras LIBRAS Licenciatura, durante a pandemia da COVID-19.

³ Disponível em: <https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/departamento/porta.jsf?id=912>.

⁴ Disponível em: <https://www.ccv.ufs.br/processoseletivos/all>.

A implantação da disciplina Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS

A disciplina Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi oficialmente implementada na UFS em 2008.2 por meio da Resolução nº. 84/2009/CONEPE e, inicialmente, ofertada por outros departamentos (Departamento de Educação Campus São Cristóvão – DED – EDU0105, Departamento de Educação Campus Itabaiana – DEDI – EDUI0083, Departamento de Dança Campus Laranjeiras – DDA – DANCA0140, Departamento de Letras Estrangeiras Campus São Cristóvão – DLES – LETR0801 e Departamento de Educação em Saúde Campus Lagarto – DESL – EDSA0010).

Desde 2017.2, esta disciplina está sendo ofertada pelo Departamento de Letras LIBRAS (DELI – LETRL0034), obrigatória, para todos os cursos de Licenciatura (Artes Visuais – DAVD, Ciências Biológicas – DBI, Ciências da Religião – NGCR, Dança – DDA, Educação Física – DEF, Filosofia – DFL, Física – DFI, Geografia – DGE, História – DHI, Letras – DLEV/DLES, Matemática – DMA, Pedagogia – DED, Química – DQI e Teatro – DTE) e Bacharelado em Fonoaudiologia – DFO, em conformidade com a Lei nº. 10.436 de 24 de abril de 2002 regulamentada pelo Decreto nº. 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Conforme disponibilidade do quadro docente, também oferta como optativa e/ou eletiva para os diversos cursos da Universidade.

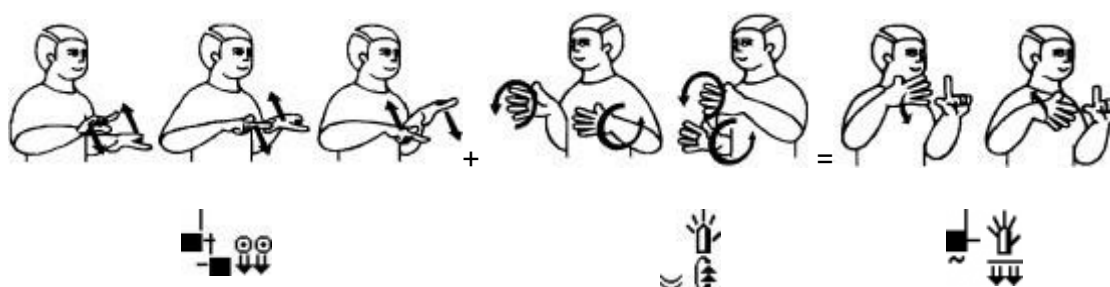
Além da modalidade presencial, a disciplina Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS – EDU0105 também é ofertada desde 2012.2 na modalidade a distância pelo Centro de Educação Superior à Distância (CESAD/UAB/UFS) por meio dos doze polos (Araújo, Brejo Grande, Estância, Japarutuba, Lagarto/Colônia Treze, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora da Glória, Propriá, Poço Verde, Porto da Folha, São Cristóvão e São Domingos) para os cursos de Administração Pública, Biblioteconomia, Ciências Biológicas, Filosofia, Física, Geografia, História, Letras Espanhol, Letras Inglês, Letras Português, Matemática e Química.

O Curso Letras LIBRAS Licenciatura e o Departamento de Letras LIBRAS (DELI) da UFS

No Brasil, de acordo com Rocha et al. (2023), os cursos Letras LIBRAS (Fig. 1) são ofertados por 30 instituições públicas e 26 por instituições privadas de ensino. A modalidade varia desde presencial, semipresencial e EaD. No que se refere às

habilitações, a licenciatura visa o ensino de Libras por meio da formação de professores de Libras, enquanto, o bacharelado, a parte técnica em linguagem com a formação de tradutores e intérpretes de Libras/Português. Além disso, o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – Viver Sem Limites, por meio do Decreto nº. 7.612/2011, impulsionou a implementação desses cursos tendo em 2014 o ápice nas universidades públicas brasileiras.

Figura 1 – Esquema ilustrativo da formação morfológica do sinal representativo Letras LIBRAS⁵



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2009, p. 1374-1388).

Em 2002, tiveram início as primeiras tentativas, em 2004 “foi elaborado um projeto de criação do curso de Letras-Libras que tramitou institucionalmente pela Educação e pela Letras. Foi em 2005 que a criação do curso foi aprovada em todas as instâncias da UFSC” (Quadros; Stumpf, 2014, p. 10).

Em 22 de fevereiro de 2006 (data cadastrada no sistema e-MEC), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) implementou o primeiro curso de graduação em Letras LIBRAS Licenciatura EaD no Brasil com funcionamento em 27 de outubro de 2006 (Quadros; Stumpf, 2009).

Na UFS, o curso de graduação em Letras LIBRAS Licenciatura foi implementado em 21 de novembro de 2013, no *Campus* São Cristóvão, com oferta de 30 vagas, em cumprimento a uma das metas do Plano de Acessibilidade da Educação Superior –

⁵ Para os cursos Letras LIBRAS, o sinal representativo (Figura 1), conforme descrito por Xavier e Neves (2016), se configura como um *portmanteau*, uma derivação morfológica por fusão dos sinais Letras e Língua de Sinais, respectivamente. A Figura 1 esquematiza visualmente essa fusão morfológica.

INCLUIR - com ações institucionais para eliminar barreiras atitudinais, pedagógicas, arquitetônicas e comunicacionais, e do Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - VIVER SEM LIMITES (Decreto nº. 7.612/2011) - por meio da Resolução nº. 50/2013/CONEPE, junto ao Departamento de Letras Estrangeiras (DLES) sob a chefia do Prof. Dr. Sandro Márcio Drumond Alves Marengo, e teve a Profa. Dra. Cleide Emília Faye Pedrosa como primeira coordenadora do curso Letras LIBRAS (LL) e vice coordenadora, a Profa. Ma. Alzenira Aquino de Oliveira, com o mandato para 2015-2016.

Nessa fase inicial da gestão, uma pactuação foi realizada entre o Governo Federal e a Universidade Federal de Sergipe para implantação do curso, tendo sido destinados recursos para infraestrutura mínima, inclusive códigos de vagas para docentes e servidores administrativos.

Em 21 de novembro de 2016, por meio da Resolução nº. 40/2016/CONSU, foi criado o Departamento de Letras LIBRAS (DELI) (Fig. 2) vinculado ao Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH), e teve como primeira chefe e coordenadora, a Profa. Ma. Alzenira Aquino de Oliveira (Portaria nº 0100 de 12 de janeiro de 2017/Portaria nº 1608 de 21 de dezembro de 2018) e vice, o Prof. Dr. Fernando de Mendonça, com dois mandatos consecutivos, correspondentes aos biênios 2016-2018 e 2018-2020.

Figura 2 – Foto do Departamento de Letras LIBRAS da UFS *Campus* São Cristóvão



Fonte: <https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/departamento/porta1.jsf?id=912>.

Essa fase da primeira gestão foi demarcada, principalmente, pela departamentalização conforme a Resolução nº. 40/2016/CONSU, construção da sede departamental com recursos próprios obtidos pela pactuação por meio da Portaria Interministerial entre o Governo Federal e a UFS e reestruturação do Projeto Pedagógico do Curso. Houve também a contribuição das professoras Dra. Rita de Cácia Santos Souza e Ma. Margarida Maria Teles, ambas do Departamento de Educação (DED), as quais ministraram as respectivas disciplinas EDU0071 – Fundamentos Filosóficos da Educação e EDU0104 – Fundamentos da Educação Inclusiva. E, para a disciplina LETR0801 – Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, os professores substitutos, Esp. Laiza Silva Rebouças – surda, Esp. Ítalo Mafra Barbosa – surdo, Esp. Camilla Carla Costa, Esp. Luciana Santos Daltro Freitas e Esp. Verônica Fortuna Santos.

O Curso de Letras Libras teve seu funcionamento em 14 de março de 2014 (data cadastrada no e-MEC) e reconhecido pelo MEC em 2018 com nota 4. O DELI foi inaugurado em maio de 2018.

Para o cargo de chefia, o Prof. Dr. Edivaldo da Silva Costa (Portaria nº 113 de 11 de dezembro de 2020) foi eleito o segundo chefe e coordenador do DELI e vice, a Profa. Dra. Ana Flora Schlindwein, com o mandato para o biênio 2020-2022. A sua gestão transcorreu, predominantemente, durante o período pandêmico, as aulas de todas as disciplinas, de forma excepcional, foram adaptadas para a plataformização do ensino remoto síncrono e assíncrono, e foi demarcada pela transição do antigo Projeto Pedagógico do Curso (Resolução nº. 50/2013/CONEPE) para o novo Projeto Pedagógico do Curso (Resolução nº. 33/2020/CONEPE). Conforme a departamentalização por meio da Resolução nº. 40/2016/CONSU, os códigos de todas as disciplinas também foram alterados de acordo com a Resolução nº. 34/2020/CONEPE, passando de LETR para LETRL e seus respectivos equivalentes.

Dada à emergência global da Covid-19 causada pelo vírus SARS-CoV-2 e a plataformização do ensino remoto, foi regulamentada pela Resolução nº. 22/2021/CONEPE adequações para realização do processo seletivo para ingresso no curso de graduação em Letras LIBRAS em 2021.1 por duas vias de entrada, sendo a primeira, através da realização do vestibular presencial para os candidatos surdos e com deficiência auditiva. E a segunda, por meio do uso das notas do ENEM 2020 para os ouvintes inscritos, além dos surdos e deficientes auditivos que optarem no ato da inscrição por não fazerem a prova de forma presencial.

O ato autorizativo para reconhecimento do DELI foi publicado pela Portaria nº. 100, de 02 de fevereiro de 2021.

Com a transição total para o novo Projeto Pedagógico do Curso (Resolução nº. 33/2020/CONEPE), o Prof. Dr. Fernando de Mendonça (Portaria nº. de 261 de 28 de fevereiro de 2023) foi eleito o terceiro chefe e coordenador do DELI e vice, a Profa. Dra. Tereza Simone Santos de Carvalho, com o mandato para o biênio 2022-2024. Foi nesta gestão, em 2024, que o DELI recebeu nota 5 na avaliação institucional do MEC.

Atualmente, a Profa. Dra. Alzenira Aquino de Oliveira (Portaria nº 22 de 07 de janeiro de 2025) foi reeleita para o seu terceiro mandato no DELI e tendo como vice, a Profa. Dra. Ana Flora Schlindwein para o biênio 2024-2026.

A galeria dos chefes-coordenadores e vices-chefes/vices-coordenadores do curso e do departamento de Letras LIBRAS estão dispostos na Figura 3.

Figura 3 – Esquema ilustrativo da galeria dos chefes-coordenadores e vices-chefes-vices-coordenadores do Curso e Departamento de Letras LIBRAS da UFS Campus São Cristóvão com os respectivos biênios de atuação

Coordenadoria do Curso Letras LIBRAS	Chefia/Coordenadoria do Departamento e do Curso Letras LIBRAS Licenciatura		
 Cleide Emília Faye Pedrosa 	 Alzenira Aquino de Oliveira 	 Edivaldo da Silva Costa 	 Fernando de Mendonça 
Vice-coordenadoria do Curso Letras LIBRAS	Vice-Chefia/Vice-Coordenadoria do Departamento e do Curso Letras LIBRAS Licenciatura		

 Alzenira Aquino de Oliveira 	 Fernando de Mendonça 	 Ana Flora Schlindwein 	 Tereza Simone Santos de Carvalho 
2014-1026	1º - 2016-2018 2º - 2018-2020 3º - 2024-2026*	2020-2022	2022-2024

* Para o 3º mandato, Alzenira Aquino de Oliveira foi eleita Chefe-Coordenadora do DELI e Ana Flora Schlindwein como Vice-chefe-Vice-coordenadora do DELI.

Fonte: SIGAA UFS. Disponível em:

<https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/departamento/portal.jsf?id=912>.

Estrutura e funcionamento do DELI

Neste tópico, discorreremos sobre a organização do departamento no tocante ao aspecto físico e humano. Assim, tem-se uma melhor compreensão da sua funcionalidade.

Figura 4 – Imagem ilustrativa da identidade visual⁶ e escrita do sinal representativo do Departamento de Letras LIBRAS da UFS *Campus* São Cristóvão



Fonte: <https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/departamento/porta1.jsf?id=912>.

Corpo administrativo

Na estrutura administrativa, há uma assistente em administração, Tenisa Emanuely Santos, um auxiliar administrativo terceirizado, Davi Levi de Paiva Costa, um técnico em audiovisual, Flávio Renato Gama Brito, uma tradutora e intérprete de Libras, Raquel Ferreira da Silveira e uma técnica em assuntos educacionais, Lucineide Alves de Oliveira.

Devemos ressaltar que as turmas do curso recebem a contribuição da equipe de intérpretes da Divisão de Ações Inclusivas (DAIN) da UFS. Este setor faz parte do Programa de Acessibilidade na Educação Superior (INCLUIR) do Ministério da Educação, que tem como objetivo promover a inclusão social e educacional nas Instituições Ensino Superior, sendo parceira intersetorial na oferta dos serviços de tradutores e intérpretes de Libras desde a fundação do DELI.

⁶ A identidade visual (Fig. 4) do DELI foi construída pela equipe do Laboratório Multidisciplinar de Semiótica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (LABSEM/UERJ) por meio da solicitação do Prof. Dr. Claudio Manoel de Carvalho Correia, sendo deliberado e aprovado em reunião departamental.

Corpo docente

O corpo docente, atualmente, está formando por 16 professores permanentes distribuídos entre diferentes áreas do conhecimento sendo um de Semiótica (Dr. Claudio Manuel de Carvalho Correia), uma de Análise Crítica do Discurso (Dra. Cleide Emília Faye Pedrosa), uma de Linguística Aplicada (Dra. Ana Flora Schlindwein), uma de Linguística (Dra. Elaine Cristina Silva Santos), dois de Literatura Surda (Dr. Fernando de Mendonça e Dra. Raquel Pereira de Lima), cinco de Libras (Me. Alan David Souza Silva – surdo, Dr. Edivaldo da Silva Costa, Dr. Iramí Bila da Silva, Dra. Larissa Silva Rebouças – surda e Dra. Valéria Simplício da Silva), duas de metodologias de ensino de L1 e L2 e estágio supervisionado em Libras (Dra. Alzenira Aquino de Oliveira e Ma. Mônica de Gois Silva Barbosa), duas de Educação Especial e Inclusiva (Dra. Isa Regina Santos dos Anjos e Dra. Tereza Simone Santos de Carvalho) e um de Psicologia e Surdez (Dr. Joilson Pereira da Silva). Além disso, teve quatro professores substitutos surdos, Geraldo Ferreira Filho, Julyanderson Ferreira Rodrigues dos Santos, Rubivânia Andrade de Carvalho, Antônio Rúbio Andrade de Carvalho, e dois ouvintes, Me. José Affonso Tavares Silva e Esp. Uerbson Nunes Coutinho, além de vários professores colaboradores voluntários.

Discentes

Durante a primeira década de funcionamento, o DELI possui sete turmas concluídas (2018.2, 2019.2, 2020.2, 2021.2, 2022.2, 2023.2, 2024.2) e mais quatro turmas em andamento, totalizando 330 alunos, estatisticamente, 87 concludentes e destes 36 são surdos.

A primeira turma de formandos “Os Pioneiros” foi em 2018.2 e teve sete surdos concludentes. O ex-aluno ouvinte, José Affonso Tavares Silva, pertencente a quarta turma do DELI – 2021.2, foi aprovado em concurso público de provas e títulos, e desde 2023 atua como professor assistente ministrando às disciplinas LET00018 – Libras, LING3014 – Linguagem e Surdez e entre outras na Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE). Na Figura 5 estão dispostas as fotografias de algumas turmas de concludentes.

Figura 5 – Fotografias de algumas turmas de formandos do Departamento de Letras LIBRAS Licenciatura da UFS *Campus* São Cristóvão



2018.2 “Os Pioneiros”



2019.2 “Profa. Dra. Rita de Cácia”



2023.2



2024.2

Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores⁷.

Segundo consulta realizada na lista de aprovados no vestibular por meio dos dados disponibilizados pela Coordenação de Concurso de Vestibular (CCV), o DELI teve 70 candidatos surdos⁸ aprovados durante os doze processos seletivos por meio do

⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/edivaldo.dasilvacosta/>.

⁸ Lista dos candidatos surdos aprovados no Vestibular do curso Letras LIBRAS da UFS distribuídos por ano: 2014: Amilton dos Santos Junior; Antônio Melo Barbosa; Antônio Rúbio Andrade de Carvalho; Breno Nunes de Oliveira; Cezar Augusto Gonçalves de Oliveira; Cleberson José Siqueira de Souza; Daniel Guilherme Gonçalves (MG); Emerson Brandão Barbosa; Geraldo Ferreira Filho; Givanilde dos Santos; Gyslane Damares Feitosa Costa; Jéssica Ângelo Gonçalves (MG); Jonathas Amorim Soares; Julyanderson Ferreira Rodrigues dos Santos; Laís Helena Bispo de Oliveira; Liana Maynard Garcez Silva; Mara Rúbia Andrade de Carvalho; Nelson Frederico Leite de Melo Sampaio; Pablo Ramon Lima de Barros; Rubivânia Andrade de Carvalho. 2015: Alexandre Gomes da Rocha; José Rinaldo Santos da Silva; Monize Lima de Andrade; Renata Silva dos Reis; Rosana Costa de Jesus; Sâmara Timóteo

vestibular. Em todas as edições do vestibular sempre teve candidatos surdos aprovados, sendo que o maior quantitativo foi em 2014 com 20, seguido de 2019 com 12 e 2016 com 9.

Estrutura setorial

A setorização do DELI⁹ é dividida em administrativo e pedagógico. O setor administrativo é formado pela secretaria, coordenação, sala de tradutores e intérpretes de Libras/Português (TILSP) e Atendimento Pedagógico, sala de reuniões e sala de convivência com dois banheiros para servidores. O setor pedagógico é formado pela sala dos professores, cinco salas de aulas, um miniauditório, dois banheiros para discentes e o Laboratório Multimídia de Produção e Práticas Bilíngues (LABIL).

Laboratório Multimídia de Produção e Práticas Bilíngues (LABIL)

O Laboratório Multimídia de Produção e Práticas Bilíngues (LABIL) tem a proposta de auxiliar discentes, docentes e pesquisadores a produzir e realizar projetos nas áreas de educação e linguística surdas. Anualmente, o LABIL é responsável pela gravação e edição da prova acessível em Libras usada no Processo Vestibular Especial para a Licenciatura em Letras LIBRAS, assim como atua no fomento audiovisual para discente das disciplinas e projetos de pesquisa e de extensão universitária. A meta do

dos Santos. 2016: Alexandre Garrido Fernandez Ivo (BA); Ana Flávia Barbosa; Bruno Silva Pedra da Rocha (BA); Cândida Suely Menezes Batista; Jonas Silva Santos; José Êmerson dos Santos; Leonardo de Jesus Lima; Meiriane dos Santos Trindade; Wesley Moreira Mike. 2017: Carlos Magno Azevedo Silva; Diego Barreto de Carvalho. 2018: Daniela dos Santos; Jonas Adriel Tavares Silva (D.A.); Mariana Araújo Dantas; Suzana Karine Gonçalves Tabosa. 2019: Alana dos Santos Chagas; Alice dos Santos Chagas; Anízia Fernanda Santos Fraga; Elizabeth Nunes Cruz; Jaciara Maurícia Santos; Letícia Alves Santos; Maiko Wendel dos Santos; Maria Lúcia da Silva Sousa (D.A.); Nicole Ribeiro Dias Nascimento; Raul Matheus dos Santos e Silva; Renata Mangueira de Souza; Valdinete Maria da Silva. 2020: Alex Rangel dos Santos Silva; Antônio Rúbio Andrade de Carvalho; Edigar Mesquita da Rocha Neto; Rafael Lima Leite; Vilauba Cunha Pacheco Neta. 2021: Alisson da Cruz Santos; Everson Oliveira Silva da Paixão. 2022: José Luiz dos Santos Rocha Bisneto. 2023: Wictor Alexandre da Silva Santos (D.A.). 2024: Deivison Oliveira da Silva; Esthefane Ferreira Prudente; Itiel Davino de Mendonça; Sara Nataly de Oliveira Santos Pereira; Thais de Souza Lima; Willian Steven dos Santos. 2025: Diego Barreto de Carvalho; Marcos Daniel Pinheiro Santos; Patrícia Rosas Dias de Melo.

⁹ Na pesquisa, o DELI possui 47 projetos e na extensão possui 446 ações extensionistas e 9 projetos de monitoria cadastrados.

LABIL é possibilitar que a comunidade universitária possa ter acesso, num único espaço, de toda a estrutura logística e operacional e necessária.

O LABIL é coordenado pela professora Ana Flora Schlindwein e possui um técnico em audiovisual, Flávio Renato Gama Brito, sendo dotado de um espaço físico de 60 m², cujo projeto compreende um estúdio de gravação audiovisual completo, dotado de fundo infinito, isolamento acústico, refrigeração externa e iluminação completa. No projeto, também está prevista a construção de um *switch* de gravação e um laboratório computacional avançado (edição, animação e legendagem), onde cerca de 250 alunos e 30 pesquisadores possam desenvolver seus projetos acadêmicos. Temos enfrentado o não cumprimento dos aportes financeiros para estruturação e manutenção do espaço previstos no projeto inicial. Foi encaminhada à Administração Superior a necessidade de ampliação dos equipamentos e divisão modular do espaço físico, a fim de aparelhar 04 (quatro) novas cabines de gravação individual para uso nas gravações das transcrições e traduções para a Libras de material produzido pelo DELI (vídeos, editais e demais normativas acadêmico-administrativas).

Complementarmente, foi solicitada a construção e aparelhamento de duas cabines de áudios, possibilitando a produção de material vocalizado da Libras, assim como na prestação de serviço de audiodescrição, neste último caso atendendo às demandas das pessoas com deficiência visual.

O LABIL tem funcionado com empréstimos e garimpagem de equipamentos de outros setores da UFS, oriundos de colaboração técnica e parcerias entre setores da própria instituição.

Estrutura da matriz curricular — projeto pedagógico do curso

O Projeto Pedagógico do Curso Letras LIBRAS da UFS foi reestruturado em 2020 e algumas disciplinas foram substituídas, modificadas e outras criadas conforme dispostas no quadro 1.

Quadro 1 – Comparação entre o antigo e novo PPC do curso Letras LIBRAS da UFS

Projeto Pedagógico do Curso (Resolução nº. 50/2013/CONEPE)		Projeto Pedagógico do Curso (Resolução nº. 33/2020/CONEPE)	
PRIMEIRO SEMESTRE			
LETR0769	Fundamentos da Educação de Surdos	LETRL0070	LIBRAS I
EDU0071	Fundamentos Filosóficos da Educação	LETRL0066	Estratégia de Leitura Literária
EDU0075	Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem I	LETRL0087	Teoria dos Códigos e das Linguagens
LETR0630	Linguística I	LETRL0001	Fundamentos da Educação de Surdo
LETR0758	Teoria Literária I	LETRL0068	Estudos em Letras LIBRAS I
LETR0770	LIBRAS I*	EDU0108	Estrutura e Funcionamento da Educação Básica
LETR0764	Teorias da Tradução e Interpretação*	-	-
SEGUNDO SEMESTRE			
LETR0760	Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Adicionais	LETRL0071	LIBRAS II*
LETR0771	LIBRAS II*	LETRL0100	Introdução à Teoria Literária
LETR0759	Teoria Literária I	LETRL0093	Introdução aos Estudos da Linguagem
LETR0631	Linguística II	LETRL0092	Introdução à Linguística Aplicada na Área da LIBRAS
LETR0765	História da LIBRAS	LETRL0065	Educação Inclusiva*
LETR0766	Fonética e Fonologia de LIBRAS*	LETRL0069	Estudos em Letras LIBRAS II
EDU0076	Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem II	-	-
TERCEIRO SEMESTRE			
LETR0772	LIBRAS III*	LETRL0072	LIBRAS III*
LETR0763	Português como Língua Adicional	LETRL0106	Literatura Surda e Prática de Ensino*
LETR0700	Linguística III	LETRL0096	Linguagem e Sociedade
LETR0781	Literatura em Língua de Sinais	LETRL0011	Fonética e Fonologia da LIBRAS
LETR0778	Escrita de Sinais I*	LETRL0062	Didática e Educação de Surdos*
EDU0104	Fundamentos da Educação Inclusiva	LETRL0099	Estudos em Linguística Aplicada na Área da LIBRAS

QUARTO SEMESTRE			
LETR0779	Escrita de Sinais II*	LETRL0073	LIBRAS IV*
LETR0773	LIBRAS IV*	LETRL0105	Linguagem Poética e Poesia Visual*
LETR0762	Linguística Aplicada a LIBRAS	LETRL0104	Linguagem e Cognição
LETR0782	Metodologia do Ensino-aprendizagem de LIBRAS	LERTL0020	Morfologia da LIBRAS
LETR0767	Morfologia da LIBRAS	LETRL0077	Metodologia do Ensino e Aprendizagem de LIBRAS como L1*
-	-	LETRL0081	Psicologia e Educação de Surdos
QUINTO SEMESTRE			
EDU0108	Estrutura e Funcionamento da Educação Básica	LETRL0074	LIBRAS V*
LETR0774	LIBRAS V*	LETRL0084	Sintaxe da LIBRAS
LETR0768	Semântica e Pragmática de LIBRAS*	LETRL0078	Metodologia do Ensino e Aprendizagem de LIBRAS como L2*
LETR0761	Linguística Aplicada ao Ensino de Português como Língua Adicional	LETRL0095	Linguística Aplicada e o Ensino de Línguas Adicionais*
LETR0783	Estágio Supervisionado da LIBRAS I*	LETRL0063	Avaliação no Ensino de LIBRAS*
-	-	PSIC0094	Introdução à Psicologia da Aprendizagem
SEXTO SEMESTRE			
LETR0775	LIBRAS VI*	LETRL0075	LIBRAS VI*
LETR0784	Estágio Supervisionado da LIBRAS II*	LETRL0022	Semântica e Pragmática da LIBRAS
LETRXXXX	Disciplina Optativa	LETRL0101	Introdução às Escritas de Sinais*
LETRXXXX	Disciplina Optativa	LETRL0064	Educação e Diversidade*
-	-	LETRL0127	Estágio Supervisionado da LIBRAS I*
-	-	EDU0106	Política e Gestão Educacional I
SÉTIMO SEMESTRE			
LETR0776	LIBRAS VII*	LETRL0097	Conversação em LIBRAS I
LETR0785	Estágio Supervisionado da LIBRAS III*	LETRL0102	Desenvolvimento de Material Didático e Paradidático em LIBRAS*
LETR0780	Educação de Surdos e Novas Tecnologias*	LETRL0103	Escrita de Sinais I

LETRXXX	Disciplina Optativa	LETRL0094	Novas Tecnologias no Ensino de LIBRAS
-	-	LETRL0128	Estágio Supervisionado da LIBRAS II*
OITAVO SEMESTRE			
LETR0777	LIBRAS VIII*	LETRL0098	Conversação em LIBRAS II*
LETR0786	Estágio Supervisionado da LIBRAS IV*	LETRL0085	Temas Contemporâneos e a Formação do Professor de LIBRAS
LETR0800	Atividades Complementares em LIBRAS	LETRL0129	Estágio Supervisionado da LIBRAS III*
-	-	LETRL0033	Atividades Complementares em LIBRAS

Fonte: Informações retiradas da Resolução nº. 33/2020/CONEPE.

O Projeto Pedagógico do Curso (PPC) aprovado pela Resolução nº 33/2020/CONEPE traz as diretrizes e elenca os objetivos do curso. Além disso, descreve a estrutura curricular articulando a teoria à prática.

No PPC também consta as normas dos estágios supervisionados do curso enfatizando que o discente realiza sua prática de estágio vivenciando o ensino de Libras como primeira língua – L1 para surdos e o ensino de Libras como segunda línguas – L2 para ouvintes. Possibilitando assim, uma experiência de estágio mais completa.

Considerações finais

Documentar a trajetória do curso de Letras LIBRAS Licenciatura em Sergipe não é apenas um exercício da memória institucionalizada, mas também um gesto de política linguística, acessibilidade e inclusão para a comunidade surda. Foi a proposta desse capítulo, por meio de uma pesquisa documental, descrevendo os fatos históricos, que vão além de registros fotográficos e documentação.

Um patrimônio cultural e imaterial da luta pelo reconhecimento, acessibilidade e dignidade linguística no território sergipano. E não há como contestar essa trajetória sem evocar a centralidade da Libras, essa língua que durante tanto tempo foi silenciada, e que vem se impondo por direito e por resistência, como primeira língua na educação de surdos, conforme resguarda a Lei nº 10.436/02.

Mas não se trata apenas de elencar os fatos. Trata-se de construir narrativas. O texto não desaba na astúcia de descrever apenas um progresso linear, mas se debruça sobre os conflitos, as falhas e os apagamentos e os transforma em avanços, conquistas e perspectivas. Partindo da implementação do curso de graduação em Letras LIBRAS Licenciatura da UFS, em 2013, e segue destacando os avanços como a departamentalização e reestruturação do Projeto Pedagógico do Curso, além das conquistas como a construção da sede departamental.

Referências

BRASIL. **Decreto nº. 5.296 de 02 de dezembro de 2004**. Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2004. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm. Acesso em: 17 jul. 2025.

BRASIL. **Lei nº 9.394/1996, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [1996]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 14 ago. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Dispõe sobre a regulamentação a Lei nº 10.436 e o art. 18 da Lei no 10.098. Brasília, DF: Presidência da República, 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 20 jan. 2025.

BRASIL. **Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm Acesso em 27 jul 2024.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURÍCIO, A. C. L. **Novo Deit-Libras**: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira. São Paulo: EDUSP, 2009.

QUADROS, R. M. de; STUMPF, M. R. Letras Libras EaD. *In*: QUADROS, R. M. de. (org.). **Letras Libras**: ontem, hoje e amanhã. 1. ed. Florianópolis: UFSC, 2014. v. 1, p. 9-35.

QUADROS, R. M. de; STUMPF, M. R. O primeiro curso de graduação em letras língua brasileira de sinais. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 10, n. 2, p. 169-185, jun. 2009.

ROCHA, L. R. M. *et al.* Um panorama dos cursos de graduação em Letras-Libras após uma década da primeira turma formada (2011-2021). **Web Revista Sociodialeto**, [S. l.], v. 13, n. 39, p. 1-19, 2023.

SILVA, A. D. S. *et al.* **Os sistemas de escrita de sinais no Brasil**. 23. ed. São Cristóvão: Revista Virtual de Cultura Surda, 2018.

XAVIER, A. N.; NEVES, S. L. G. Descrição de aspectos morfológicos da Libras. **Revista Sinalizar**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 130-151, jul./dez. 2016.

2

Educação de surdos e os dez anos do curso de Letras

Libras: compromissos profissional, legal e social de uma professora ouvinte

Cleide Emília Faye Pedrosa

Introdução¹

Em 2013, a Universidade Federal de Sergipe (UFS) aprovou o Projeto Pedagógico do curso de Graduação em Letras Libras através da Resolução nº 50/2013/CONEPÉ², iniciando em 2014. A Resolução aponta, no Art. 2º, I, que o objetivo geral do curso é “[...] formar profissionais competentes, capazes de lidar, de forma crítica, com as linguagens, especialmente a LIBRAS, em contextos verbais, não verbais e escritos, conscientes de sua inserção na sociedade e das relações com o outro”.

O Art. 4º, listando as competências e habilidades que os licenciandos devem adquirir em relação ao campo linguístico, área com a qual contribuo mais diretamente, nomeia, entre outras competências, que os discentes devem: “I. conhecer os fundamentos, a natureza e os princípios da pesquisa em Letras e Linguística” e, com relação ao ensino, destaque, “a) elaborar e aplicar metodologias adequadas ao contexto educacional e fundamentadas nas novas concepções sobre educação linguística e educação especial”; “c) refletir, de forma crítica, sobre a prática docente, identificando e resolvendo problemas, com base na educação linguística”; “e) conhecer teorias pedagógicas que fundamentam a educação linguística, bem como os princípios de planejamento educacional” e “f) conhecer os fundamentos, a natureza e os princípios da pesquisa em educação linguística”.

As propostas listadas anteriormente fizeram com que eu, professora de Linguística de ouvintes por quase duas décadas, me dedicasse a mudar a metodologia de ensino a fim de alcançar os Surdos.

Os contextos histórico e político que permitiram a autorização de diversos cursos de Letras Libras têm origem no Decreto nº 7.612, de 17 de novembro de 2011, criado para atender às prerrogativas da Convenção da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência³. Assim, foi elaborado o Plano Nacional dos

¹ Este capítulo traz algumas colocações já publicadas em PEDROSA, C. *et al.* Educação de surdos no Ensino Superior: desafios, conquistas e experiências. In: MARTINEZ, L. da S. (org.). **Temas em Educação**. Foz do Iguaçu: Editora CLAE, 2023. p. 63-83; e capítulo inédito de Montalvão e Pedrosa: “Universidades e compromissos: nossas experiências, nossos olhares político-pedagógicos”, a ser publicado pela UFRN também em comemoração aos dez anos do curso na instituição.

² Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/10879>. Acesso em: 23 jun. 2025.

³ Destaca-se a questão dessa nomenclatura em relação aos surdos, considerando que estes têm a ver com políticas linguísticas e não médicas. No entanto, seus direitos são reconhecidos, legalmente, em leis e decretos que englobam pessoas com necessidades especiais. Na atualidade, há uma orientação para que se use o termo “atípico”.

Direitos da Pessoa com Deficiência – Viver sem Limite. Entre os eixos contemplados pelo plano está o acesso à educação, que possibilitou a criação de vários cursos de Letras Libras em instituições públicas e privadas.

Como decisão metodológica, percorre-se aqui o caminho dos registros históricos sobre a criação do curso de Letras Libras e de leis, decretos e planos que contribuíram para sua implantação, adotando, portanto, uma metodologia documental. Também se utiliza a metodologia bibliográfica, por meio da análise de trabalhos já publicados sobre a temática, e, por fim, no contexto desta pesquisa social, aciona-se a metodologia etnossociológica, pois abordaremos nossa experiência docente no referido curso. Sobre esse tipo de metodologia, traz-se a explicação a seguir:

Introduce la autorreflexion critica en los procesos del conocimiento y sus principios ideologicos, los cuales tienen como finalidad la transformacion de la estructura de las relaciones sociales para mejorarla; Trata de articularse, generarse y organizarse en la practica y desde la practica, de ahi que en el proceso de construccion del objeto de estudio se consideren los elementos sociales, politicos, culturales, historicos y politicos; Los problemas sociales no se conciben solo como problemas de un agregado de individuos, sino que se busca desentranar las interrelaciones dinamicas e interactivas que constituyen la vida del individuo y la vida social; e Resalta el papel de la observacion participante (Martínez Ruiz; Ontiveros, 2016, p. 35).

Nessa explanação dos autores, é possível identificar o valor da autorreflexão crítica como instrumento para transformar a estrutura das relações sociais marcadas por dominação, com o objetivo de melhorar a sociedade. Nas investigações que utilizam esse quadro metodológico – com destaque para o papel da observação participante –, os problemas sociais são compreendidos em seu contexto coletivo, evidenciando as inter-relações que sustentam tanto a vida do indivíduo quanto a da coletividade.

Após esta breve apresentação, direcionam-se o leitor e a leitora para o design do capítulo: esta introdução, que apresenta o objeto de estudo, seu objetivo geral e a metodologia adotada; em seguida, os Estudos Surdos serão contemplados por meio de um retrato dos cursos de Letras Libras no Nordeste, com destaque para a criação desses cursos nas universidades federais; no tópico seguinte, relato minha experiência como professora ouvinte nesse nível de ensino; e, por fim, alguns aspectos

(in)conclusivos e reflexivos sobre os temas abordados compõem as considerações (quase) finais.

Educação de surdos no Ensino Superior: a criação dos cursos de Letras Libras

“Poucas comunidades têm uma história de opressão linguística tão longa e tão trágica quanto as Comunidades Surdas” (Pedrosa *et al.*, 2023, p. 67). Todas as nações têm como língua oficial uma língua oral. Não há, na literatura sobre o assunto, informações sobre uma língua de sinais ser oficial em algum país. O mais positivo que se tem sobre esse assunto é que, na Universidade Gallaudet, localizada em Washington D.C., a língua oficial, para as aulas, é a Língua de Sinais Americana (ASL).

Quando o curso de Letras Libras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – uma das primeiras com curso presencial do Nordeste – foi criado, também se exigiu que os alunos e os professores já tivessem o domínio da Libras, exceção aceita apenas para os professores de outros departamentos que ministravam disciplinas para o referido curso, como, por exemplo, professores do Departamento de Educação.

Engajado em atender às prerrogativas da Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, foi criado o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, o Plano Viver sem Limite. O Decreto nº 7.612, de 17 de novembro de 2011, que autorizou a criação do referido plano, foi recentemente revogado pelo Decreto nº 11.793, de 23 de novembro de 2023, que instituiu o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – Novo Viver sem Limite⁴. No entanto, antes da criação do Novo Viver sem Limite, observou-se um expressivo comprometimento sociopolítico com a criação de vários cursos de Letras Libras nas instituições públicas de Ensino Superior no Brasil.

Como mencionado anteriormente, o Decreto nº 7.612/2011 instituiu o Plano Viver sem Limite, também conhecido como Plano Viver sem Limite I, uma vez que, doze anos depois, foi instituído o Plano Viver sem Limite II. Ao todo, 15 ministérios e o Conade (Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência) contribuíram para que as

⁴ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Decreto/D11793.htm#art8. Acesso em: 8 jul. 2025.

ações do Plano I fossem executadas, com a participação ativa também da sociedade civil.

No eixo da Educação, o Plano I contemplou a implantação de salas de recursos multifuncionais, o programa Escola Acessível, o Transporte Escolar Acessível (Programa Caminho da Escola), o Pronatec (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego), ações de acessibilidade na educação superior, formação em educação bilíngue, com foco na capacitação de professores e tradutores-intérpretes em Língua Brasileira de Sinais (Libras), além do programa BPC na Escola.

Segundo o site Gov.Br⁵, o plano dedicou também recursos para que 55 universidades federais fizessem as adaptações necessárias para receber estudantes com deficiência. A pactuação também permitiu a abertura de cursos de Letras Libras em todas as unidades federativas. Doze anos depois, começamos a vivenciar um aperfeiçoamento na proposta: “95 iniciativas estão em desenvolvimento pelo Novo Viver sem Limite, que representa a retomada de ações que garantem mais dignidade às pessoas com deficiência”.

Em 2023, o Governo Federal lançou o Novo Plano Viver sem Limite: Plano Nacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência⁶, encabeçado pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. O Plano passou a ser conhecido como Viver sem Limite II.

O Novo Viver Sem Limite é fruto de diálogos feitos pelo Ministério, por meio da Secretaria Nacional da Pessoa com Deficiência, com a sociedade civil e com os diversos movimentos que militam na pauta. Foram realizadas reuniões em 12 capitais nas 5 regiões, além de duas consultas públicas com mais de 2.500 contribuições recebidas. Após ouvir as demandas das brasileiras e dos brasileiros, mobilizamos mais de duas dezenas de Ministérios e diversos órgãos nos últimos meses e logramos construir projetos sólidos e transformadores (Brasil, 2023, p. 4).

⁵ Disponível em: <https://novoviversem limite.mdh.gov.br/historico-do-novo-viver-sem-limite>. Acesso em: 9 jul. 2025.

⁶ “Os diálogos contemplaram todas as regiões e ocorreram nas seguintes capitais: São Paulo/SP, Salvador/BA, **Natal/RN**, Teresina/PI, Florianópolis/SC, Campo Grande/MS, Recife/PE, Rio de Janeiro/RJ, Maceió/ AL, Fortaleza/CE, Manaus/AM e Aracaju/SE” (Brasil, 2023, p. 11, grifo nosso).

O Novo Plano Viver sem Limite apresenta quatro eixos. O primeiro, “Gestão e Participação Social”, é estruturado de forma atenta às demandas da sociedade civil ao respeitar o lema “Nada sobre nós sem nós”. Atualmente, o lema está em transição para “Tudo sobre nós, conosco”.

O segundo eixo contempla o “Enfrentamento ao capacitismo e à violência”. Neste eixo, prioriza-se o enfrentamento contra as violências, sejam elas visíveis ou invisíveis, e também tanto simbólicas quanto físicas, contra as pessoas com deficiência.

O terceiro eixo abrange “Acessibilidade e Tecnologia Assistiva”, havendo um comprometimento com as “[...] inovações do mundo digital para reduzir as diversas barreiras enfrentadas pelas pessoas com deficiência” (Brasil, 2023, p. 4).

Por sua vez, o quarto eixo compreende a “Promoção do direito à educação, à assistência social e à saúde, e de outros direitos econômicos, sociais, culturais e ambientais”. Este eixo é bem amplo, abrangendo os direitos nas áreas de educação, saúde, entre outros, que, conjugados, permitam às pessoas com deficiência uma vida digna, atendendo à forte questão de que a diversidade social deve ser tratada de forma igualitária. Para atingir tais eixos, o governo anunciou o investimento de 6,5 bilhões de reais.

Na sequência, um quadro comparativo dos eixos nos dois Planos:

Quadro 1 – Comparação entre os Planos Viver sem Limite I e II

Viver sem Limite II - 2023	Viver sem limite I - 2011
1. “Gestão e Participação Social” – é estruturado de forma atenta às demandas da sociedade civil ao respeitar o lema “Nada sobre nós sem nós”.	1. Acesso à educação, que investiu em recursos e serviços de apoio à Educação Básica e compreendeu a busca ativa de alunos, transporte acessível, aprendizagem, acessibilidade e qualificação profissional.
2. “Enfrentamento ao capacitismo e à violência” – prioriza-se o enfrentamento contra as violências.	2. Atenção à saúde, que criou a Rede de Cuidados à Pessoa com Deficiência e contemplou ações voltadas para a prevenção e a reabilitação.
3. “Acessibilidade e Tecnologia Assistiva” – há um comprometimento com as “inovações do mundo digital para reduzir as diversas barreiras enfrentadas pelas pessoas com deficiência” (Brasil, 2023, p. 4).	3. Inclusão social, que desenvolveu ações de participação social e de combate às desigualdades, visando a incluir as pessoas com deficiência na sociedade, tanto no

4. “Promoção do direito à educação, à assistência social e à saúde, e de outros direitos econômicos, sociais, culturais e ambientais” – este eixo objetiva atender aos direitos das pessoas com deficiência a uma vida digna.	trabalho quanto no cuidado diário de pessoas em situação de pobreza. 4. Acessibilidade, que buscou acesso à tecnologia e ao desenvolvimento tecnológico, à moradia e à aquisição de equipamentos.
---	--

Fonte: Montalvão e Pedrosa (inédito) com base em: BRASIL. Novo Plano Viver sem Limite: Plano nacional dos direitos das pessoas com deficiência. **Gov.br**, 2023. Disponível em: <https://novoviversem limite.mdh.gov.br/wp-content/uploads/2024/03/Cartilha-Novo-Viver-Sem-Limite-com-ajustes-de-acessibilidade.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2024.

Segundo o Novo Plano, com base no Censo de 2022, as pessoas com deficiência são 8,9% da população, ou seja, 18,6 milhões de brasileiros. Quando se abordam os indicadores sobre educação, a taxa de analfabetismo entre pessoas com deficiência é praticamente cinco vezes maior que a geral (19,5% *versus* 4,1%). Os dados também apontam que a conclusão do Ensino Básico é menor entre pessoas com deficiência (25,6% *versus* 57,3%) e que o índice de alunos com deficiência que estudam em escolas públicas é de 78,8%.

A seguir, julga-se pertinente apontar sobre o bilinguismo surdo nos cursos de Letras Libras.

Metodologias para o ensino de surdos: o bilinguismo nos cursos de Letras Libras

As propostas metodológicas para o ensino de surdos passaram por diversas testagens. Desde a orientação oralista (Quadros, 1997, 2019; Lacerda, 1998; Gesser, 2012), centrada na prática de ensinar o surdo a falar, até o bilinguismo, atualmente defendido como abordagem mais adequada. O oralismo, claramente, anula a especificidade dos surdos ao negar sua língua (Bento, 2022).

Uma proposta intermediária foi a da comunicação total, em que se utilizavam diversos métodos – como o treinamento da fala, a leitura labial, o alfabeto manual e a língua de sinais (Gesser, 2012; Quadros, 2019). À semelhança do oralismo, essa prática subalterniza a língua de sinais.

Atualmente, defende-se o bilinguismo para surdos, conforme estabelece o Decreto da Libras (2005), que reconhece a Libras como língua materna e a Língua Portuguesa, na forma escrita, como segunda língua. Como pontua Quadros (2019, p. 158),

O bilinguismo constitui um ponto de partida para uma discussão política sobre as questões de identidades surdas, relações de poder e conhecimento entre surdos e ouvintes, movimentos de resistência dos surdos, ideologias dominantes, discursos hegemônicos, a função da escola, a articulação de políticas públicas, o currículo, o projeto pedagógico da escola bilingue.

O aspecto da afirmação da(s) identidade(s) surda(s) é fortalecido em outras pesquisas como as de Bento, em que se afirma que a educação em língua de sinais “[...] é essencial para a comunicação e fortalecimento das identidades surdas” (2022, p. 105). Por essa razão, todos os cursos de Letras Libras estão fundamentados no bilinguismo ou no uso de uma única língua, a Libras.

Sobre as identidades de um grupo social minoritarizado, recentemente se pontua o conceito de identitarismo em seus aspectos positivos e negativos.

Neste ano de 2025, um termo e seu significado chamaram atenção: identitarismo. Trata-se de um conceito multifacetado que, em seu campo semântico-pragmático, carrega ao menos um sema positivo e outro negativo. De forma geral, o termo refere-se a uma abordagem político-social que prioriza a identidade de grupos específicos – como raça, gênero, pessoas surdas, entre outros – em suas lutas específicas por direitos e reconhecimento.

Contudo, o termo também pode assumir um sentido negativo, baseado na visão de que, ao se escolher uma causa, deixa-se de agregar outras – ou seja, prioriza-se uma identidade em detrimento de outra. Nessa perspectiva crítica, o identitarismo é visto por alguns como um fator de fragmentação da luta social por dar ênfase à identidade em detrimento de questões mais amplas, como, por exemplo, a luta de classes.

Em suma, identitarismo é um conceito que possui diferentes faces: tem raízes principalmente em movimentos sociais que lutam por reconhecimento e direitos, mas apresenta também aplicações e leituras controversas⁷.

Educação de surdos no Ensino Superior: Nordeste do Brasil

A consolidação de uma política linguística, no sentido de fomentar mecanismos que facilitem a interação social das pessoas surdas, é indispensável não apenas por meio da presença de profissionais da tradução e interpretação, mas também pela formação de professores licenciados em Letras Libras oriundos de cursos universitários. Essa formação constrói caminhos para que esses sujeitos se tornem partícipes do processo político, cultural e educacional, utilizando os benefícios linguísticos e culturais como instrumentos de luta e decolonização – ou, em termos recentemente retomados, Abya Yala⁸.

“A primeira vez que a expressão foi explicitamente usada com esse sentido político foi na *II Cumbre Continental de los Pueblos y Nacionalidades Indígenas de Abya Yala*, realizada em Quito, em 2004”. Aos poucos, nos encontros do movimento dos povos originários, o termo “América” vem sendo substituído por “Abya Yala”, como forma de afirmar o lugar de “outro sujeito enunciador de discurso, até então calado e subalternizado em termos políticos: os povos originários” (Igreja; Rampin; Camacho, 2023, p. 4).

Pesquisadores de diversos campos de estudo apontam para o fortalecimento de novas forças políticas e de movimentos sociais e para a elaboração de novas constituições nacionais a fim de que, em nosso continente, seja possível reverter essa situação de subordinação e promover direitos políticos e sociais para todos os cidadãos e cidadãs (Igreja; Rampin; Camacho, 2023).

É sob essa perspectiva que Abya Yala é ressignificada na revista que carrega esse nome: *Abya-Yala – Revista sobre Acesso à Justiça e Direitos nas Américas*. Veja-se:

⁷ Elaborado a partir da aula de Ernani Chaves, em 23 de junho de 2025. “Identidade, identificação, identitarismo”. Disponível em: https://www.youtube.com/live/C6bL7JgSxxo?si=KJ3Akq9UG_qwgmYF. Acesso em: 11 jul. 2025.

⁸ Disponível em: <https://iela.ufsc.br/projeto/povos-originaarios/abya-yala/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

Abya-Yala é ressignificada na proposta da revista como uma luta constante pela reivindicação de justiça e direitos, realização da justiça social e garantia dos direitos humanos no continente americano e nos demais países, principalmente do sul global, que compartilham dessa mesma luta. É a resistência a qualquer estratégia que negue as especificidades, as experiências e os contextos dos diversos países e que, ao mesmo tempo, negue o reconhecimento dos direitos humanos compreendidos como processos de lutas e emancipação (Igreja; Rampin; Camacho, 2023, p. 4).

Neste mesmo esteio de propostas por direitos, o pesquisador surdo Castro Júnior (2009) mostra que, para que ocorra a inclusão real das pessoas surdas – com o objetivo de uma participação social plena, sem a inevitável submissão à qual as minorias são expostas –, as escolas precisam se organizar considerando três critérios, a saber: a interação por meio da língua de sinais, a valorização dos conteúdos escolares e a relação entre conteúdo e cultura surda.

Assim, é fundamental fazer algumas pontuações históricas. Em conformidade com o Decreto nº 5.626, emergem novos cursos de formação inicial voltados à educação de pessoas surdas, tais como o Letras Libras, ofertado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) a partir de 2006, e o curso de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira – Português como Segunda Língua (LSB-PSL), ofertado pela Universidade de Brasília (UnB) desde 2015.

Quadros e Paterno (2006) realizam uma análise sobre as potencialidades e os desafios da implementação desse decreto, bem como sobre a ampliação das oportunidades de acesso das pessoas surdas ao Ensino Superior:

Este decreto [nº 5.626] possibilita a criação de cursos Letras-Libras ou Letras-Libras/Português em nível de graduação para formar professores que atuarão no ensino desta língua. Esses professores atuarão desde a 5ª série do nível fundamental até a educação superior. O decreto também prevê a criação de cursos em nível de graduação e pós-graduação para a formação de tradutores intérpretes de libras/ português. Para a educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental o decreto prevê a criação de cursos de pedagogia bilíngue libras/português. Além disso, o decreto nº 5626 determina a inclusão de uma disciplina de Libras em todas as licenciaturas. Os professores, tendo informação sobre a Libras e os surdos, passarão a planejar as suas aulas com melhor qualidade e terão mais elementos para discutir com toda a escola sobre a

inclusão dos alunos surdos. Também, minimizará a ansiedade do primeiro contato com alunos Surdos em sala de aula, situação está muito estressante para os professores atuais que nunca receberam informações sobre a educação de Surdos e a Libras. Para esses professores, os Surdos são estranhos. O contato dos professores na graduação com a língua de sinais e com surdos possibilita que este estranhamento já aconteça neste período de formação. [...]. As políticas linguísticas, que podem ser desmembradas deste decreto, terão impacto direto no povo Surdo e sua educação, pois possibilita a formação de profissionais qualificados para a atuação com os Surdos, bem como a formação dos próprios Surdos (Quadros; Paterno, 2006, p. 45).

Respondendo à política linguística que previa a criação de cursos de formação superior para pessoas surdas e pessoas ouvintes interessadas na Língua Brasileira de Sinais (Libras), em 2006 a Universidade Federal de Santa Catarina assumiu a responsabilidade de criar o curso de Graduação em Letras Libras, ofertando-o na modalidade a distância para outras instituições públicas federais.

A UFSC foi escolhida para iniciar o curso de Letras Libras devido ao seu pioneirismo e reconhecimento como centro nacional de referência na área. A universidade já desenvolvia pesquisas e ações voltadas à Língua Brasileira de Sinais e estava preparada para atender às demandas da inclusão de pessoas surdas na educação superior.

Pergunta: *Por que a UFSC foi escolhida para iniciar o curso de Letras Libras?*

A seguir, a resposta obtida a partir da ferramenta Gemini, da Google IA, acessada em julho de 2025:

Elaboração: A escolha da UFSC para iniciar o curso de Letras Libras se deu por uma combinação de fatores:

Pioneirismo: A UFSC foi a primeira instituição a oferecer um curso de graduação em Letras Libras no Brasil, o que a estabeleceu como referência na área.

Reconhecimento: A universidade já possuía reconhecimento nacional e internacional na área, com pesquisas e projetos em andamento relacionados à língua de sinais e à cultura surda.

Atendimento às demandas legais: O curso foi criado em resposta à legislação que reconhece a Libras como língua oficial do país e busca garantir a inclusão de pessoas surdas na educação.

Infraestrutura e expertise: A UFSC contava com a infraestrutura necessária e com profissionais qualificados para desenvolver o curso, tanto na modalidade presencial quanto a distância.

Compromisso com a inclusão: A universidade tinha um histórico de ações e projetos voltados para a inclusão de pessoas com deficiência, o que demonstrava seu compromisso com a causa da educação bilíngue para surdos.

Dessa forma, a UFSC foi escolhida não apenas por ser pioneira, mas também por sua capacidade de oferecer um curso de qualidade e alinhado com as necessidades da comunidade surda e da sociedade brasileira em geral.

Como conquistas do Plano Viver sem Limite, o curso de licenciatura em Letras Libras é ofertado pela maioria das universidades federais brasileiras. Tendo como referência a dissertação de Neemias Gomes Santana (2024), apresento um quadro das instituições públicas que contam com a Licenciatura em Letras Libras no Nordeste:

Quadro 2 – Instituições públicas brasileiras que oferecem o curso de Licenciatura em Letras Libras no Nordeste

Unidade Federativa	Instituição	Nome do curso
Alagoas	Universidade Federal de Alagoas – UFAL	Licenciatura em Letras-Língua Brasileira de Sinais (Libras)
Bahia	Universidade Federal do Recôncavo Baiano – UFRB	Licenciatura em Letras Libras/Língua Estrangeira
Ceará	Universidade Federal do Ceará – UFC	Licenciatura em Letras Libras
Maranhão	Universidade Federal do Maranhão – UFMA	Licenciatura em Letras Libras
Paraíba	Universidade Federal da Paraíba – UFPB	Licenciatura em Letras Libras
Pernambuco	Universidade Federal de Pernambuco – UFPE	Licenciatura em Letras Libras

	Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF	Licenciatura em Letras Libras
Piauí	Universidade Federal do Piauí – UFPI	Licenciatura em Letras Libras
Rio Grande do Norte	Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN	Licenciatura em Letras com habilitação em Libras / Língua Portuguesa como Segunda Língua
	Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN	Licenciatura em Letras Libras
	Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA	Licenciatura em Letras Libras
Sergipe	Universidade Federal de Sergipe – UFS	Licenciatura em Letras Libras

Fonte: Elaborado a partir de Santana (2024).

No quadro anterior, expõem-se 12 instituições que ofertam o curso de Letras Libras. Dentre essas, tive experiência com a implantação do curso em duas delas e com o exercício da docência em uma instituição: a UFS.

No tópico seguinte, será relatado um pouco de minha experiência como docente de Surdos.

Relatos de experiência da autora: desafios de uma professora ouvinte em sala do curso de Letras Libras

Sou formada em Letras desde 1982. Trabalhei em uma escola estadual em Camaragibe, cidade de Pernambuco. Não registro nenhuma memória de alunos surdos nesse colégio. Também não tive experiência com cidadãos ou cidadãs surdos na vizinhança, na igreja que frequentava ou em meus laços familiares.

Meu primeiro contato com pessoas surdas foi de forma indireta, por meio da escrita do “Português Surdo”, que uma amiga – da mesma denominação religiosa que eu, mas de outro estado do Nordeste – me apresentou, provavelmente no final da década de 1990. Ela era uma lutadora pela causa surda.

Em 2001, iniciei o doutorado. Minha ideia inicial era pesquisar sobre a escrita de pessoas surdas, embora eu não tivesse nenhuma formação prévia nessa área. No

entanto, no Programa da UFPE, não havia linha de pesquisa ou área de concentração voltada a essa temática.

O fato é que esse “despertar” se apagou por um tempo. Os afazeres do doutorado, a coordenação de um projeto para a implantação da pós-graduação na universidade em que eu trabalhava (a UFS), além da ausência de contato direto com pessoas surdas, contribuíram para o apagamento dessa luz.

Avanço no tempo e chego ao período de 2009 a 2014, quando mudo de universidade – agora para a UFRN. Ela foi pioneira, no Nordeste, na implantação do curso de Letras Libras. Lá, integro a equipe responsável pela implantação do curso e me matriculo em algumas formações de curta duração relacionadas à Língua de Sinais, a saber:

- 2013 – Curso de Língua Brasileira de Sinais (180h), na Associação de Surdos de Natal (ASNAT);
- Curso de Libras Básico (35h), no Prime Cursos do Brasil (PCB);
- 2014 – Curso de Metodologia no Ensino da Libras como L1 (60h), na ASNAT;
- Curso de American Sign Language – ASL (40h), também na ASNAT.

Minha prática de magistério com alunos surdos começa quando, após ser aprovada em novo concurso, retorno à UFS, depois de me aposentar da UFRN. Inicio as atividades em agosto de 2014. O novo desafio me motivava. Passei a atuar como professora de Linguística na graduação. Nas aulas, contamos com a presença de intérpretes de Libras. Após anos de experiência no Ensino Superior, enfrento agora o desafio da adaptação de conteúdos e avaliações.

Ofereço cursos de reforço na disciplina, além de projetos de pesquisa. O primeiro projeto na UFS com um aluno surdo como bolsista de Iniciação Científica (IC) foi o PVD2955-2015: “As narrativas do eu e as construções identitárias coletivas e individuais do sujeito surdo: foco na escolaridade”. Desde então, todos os anos apresentamos projetos de Iniciação Científica, Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado com temáticas voltadas à surdez e à comunidade surda.

Até o momento, já tive, em média, 50 alunos surdos cursando as disciplinas que ministro no curso de Letras Libras. Desses, alguns já se formaram e atuam como profissionais da área; outros ainda estão em processo de conclusão da graduação.

Outra experiência marcante foi ter um aluno surdo atuando como monitor de uma das disciplinas que ministro. Assinalo que, em todo esse processo, minha maior dificuldade ainda é não compartilhar a mesma língua que eles.

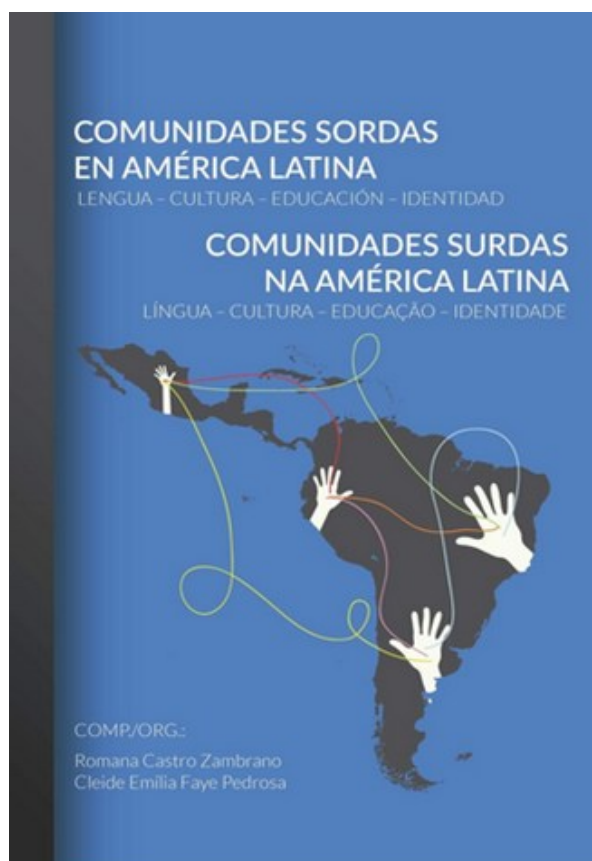
Na pós-graduação, investi em projetos em defesa dos ideais surdos e do direito à cidadania, com seis dissertações e duas teses defendidas no período de 2015 a 2024. Destaco também um projeto de pós-doutorado, realizado com uma tutoranda da Alemanha, no qual contribuímos com pesquisas entre Brasil e Alemanha (2017-2019), além da publicação, em 2017, do livro em coautoria *Comunidades Sordas en América Latina: Lengua – Cultura – Educación – Identidad*, em português: *Comunidades Surdas na América Latina: Língua – Cultura – Educação – Identidade*.

Na apresentação da obra consta o seguinte fragmento:

Em todas as regiões da América Latina, deparamo-nos com comunidades surdas cujos membros possuem a sua própria língua e cultura. Não obstante, mesmo reconhecendo algumas similaridades entre as comunidades surdas de vários países, podemos constatar que as surdas e os surdos passam por diferentes situações e vivem em diferentes circunstâncias, dependendo da nação onde moram. Além disso, sendo as línguas de sinais línguas naturais, verificamos também características especiais na grande variedade das línguas de sinais nacionais. Partindo desses pressupostos, organizamos um livro, contendo capítulos de especialistas dos Estudos Surdos de vários países da América Latina. Visto que é um livro latino-americano, os capítulos são escritos em português ou em espanhol (Zambrano; Pedrosa, 2017).

Agregamos autores dos seguintes países, além do Brasil: México, Porto Rico, Costa Rica, Venezuela, Equador, Bolívia, Paraguai e Argentina. Assim, reunir nove países da América Latina representou uma grande contribuição para os Estudos Surdos Decoloniais.

Figura 1 – Livro sobre comunidade surda na América Latina



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Comunidades-Sordas-Am%C3%A9rica-Latina-Identidade/dp/8544805647>. Acesso em: 27 jun. 2025.

Acrescento, neste investimento acadêmico e compromisso social, meu próprio Pós-Doutoramento como investigadora visitante na Universidade de Lisboa (2019-2020), com projeto sobre narrativas surdas do Brasil e de Portugal. Relato ainda sobre visitas internacionais em outros países em outro capítulo desta obra.

No Brasil, tivemos a oportunidade de visitar e receber o apoio logístico e pedagógico da Universidade Federal de Santa Catarina durante a criação do curso de Letras Libras da UFRN, além de sermos orientadas diretamente pela equipe do Ministério da Educação (MEC) quanto à criação do referido curso. Também fez parte dessa trajetória sermos recebidas pela reitora da UFRN. Outrossim, registro que assistimos a um congresso no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e realizamos uma visita guiada nessa importante referência nacional na educação de surdos.

Finalizando, a divulgação científica comprova o efetivo engajamento com as causas surdas: uma média de 18 artigos, 20 capítulos de livros, a organização de um livro com pesquisadores de dez países da América Latina – como já mencionado – e, agora, esta obra em pauta que estamos organizando com mais duas professoras do departamento.

Em eventos científicos, divulgamos a causa surda em países como Chile, Colômbia, Costa Rica, México, Estados Unidos, Portugal, Espanha, França, Itália, Polônia e Cabo Verde.

Com muito orgulho, participamos desta história e temos contribuído para que nosso departamento alcance nota 5.

Figura 2 – Divulgação nota do Curso de Letras Libras 2024



Fonte: <https://www.instagram.com/p/DDqK0O4JLel/>.

Creio que esses dados falam por si sós quanto a nosso compromisso com a causa desse grupo minoritarizado.

(In)Conclusão

Ao tratar de uma temática como esta, nunca se pode falar em conclusão, pois, em um país de gritante injustiça social, considera-se que a questão é inconclusiva.

Embora já tenhamos vivenciado significativas transformações em relação à educação de surdos, elas ainda são pequenas diante do grande estrago causado ao longo de nossa história – tanto como humanos quanto como “cidadãos de bem”. Por isso, julgamos ser de expressivo valor social e político unirmos mãos e vozes em prol desta e de outras lutas, para que não enxerguemos apenas nossas próprias batalhas, mas também a luta do outro, evitando o isolamento promovido pelo identitarismo.

Termino afirmando que o lançamento desta coletânea, como registro histórico dos primeiros dez anos – a primeira década do curso de Letras Libras da UFS –, é uma resposta fruto do esforço conjunto de docentes, discentes e intérpretes em prol de um grande objetivo: alcançar maior equidade em todas as esferas da vida, como resultado de um trabalho acadêmico e social solidário.

Referências

BENTO, N. A. Decolonialidade e Surdez. In: LANDULFO, C.; MATOS, D. (org.). **Suleando conceitos e linguagens**: decolonialidades e epistemologias outras. Campinas: Pontes Editores, 2022. p. 103-109.

BRASIL. **Novo Plano Viver sem Limite**: Plano nacional dos direitos das pessoas com deficiência. Brasília, DF: Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania: Governo Federal Brasília, 2023. Disponível em: <https://novoviversem limite.mdh.gov.br/wp-content/uploads/2024/03/Cartilha-Novo-Viver-Sem-Limite-com-ajustes-de-acessibilidade.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2024.

BRASIL. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Pessoas com Deficiência**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/0a9afaed04d79830f73a16136dba23b9.pdf. Acesso em: 25 jul. 2024.

CASTRO JÚNIOR, G. de. **Variação regional lexical na Língua de Sinais Brasileira:** inteorizando a prática educativa. Projeto de Iniciação Científica desenvolvido na UnB. Brasília, DF: UnB, 2009.

GESSER, A. **O ouvinte e a surdez:** sobre ensinar e aprender a Libras. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GOOGLE. **Gemini** (modelo de inteligência artificial). 2025. Disponível em: <https://gemini.google.com>. Acesso em: 11 jul. 2025.

IBGE. **Censo Demográfico 2022:** alfabetização: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2024.

IGREJA, R. L.; RAMPIN, T. T. D.; CAMACHO, M. T. S. ABYA-YALA: Acesso à justiça e Direitos desde Perspectivas Latinoamericanas. **Abya-Yala:** Revista Sobre Acesso à Justiça e Direitos nas Américas, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 3-6, 2023. Disponível em: <https://www.periodicos.unb.br/index.php/abya/article/view/46924>. Acesso em: 25 jul. 2024.

LACERDA, C. B. F. de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Cad. CEDES**, [S. l.], n. 19, v. 46, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32621998000300007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/wWScZsyPfR68rsh4FkNNKyr/?lang=pt#>. Acesso em: 1 jun. 2023.

MARTÍNEZ RUIZ, H.; ONTIVEROS, L. B. **Metodología de la investigación social.** México: Cengage Learning, 2016.

PEDROSA, C. *et al.* Educação de surdos no Ensino Superior: desafios, conquistas e experiências. In: MARTINEZ, L. da S. (org.). **Temas em Educação.** Foz do Iguaçu: Editora CLAE, 2023. p. 63-83.

PROMETI, D.; CASTRO JÚNIOR, G. de. EAD e o Ensino de Libras: O caso da Universidade de Brasília – UnB. **Revista da FAEBA – Educação e contemporaneidade**, [S. l.], v. 24, n. 44, p. 161-178, 2015. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/12104/8119>. Acesso em: 11 jul. 2025.

QUADROS, R. M. de. Alternativas de formações profissionais no campo da surdez. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE SURDEZ, 8., 2005, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: INES, 2005.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos:** aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, R. M. de. **Libras.** São Paulo: Parábola, 2019.

SANTANA, N. G. **Ensino de Libras e polarização docente**: um estudo sobre os posicionamentos dos professores na perspectiva da análise crítica do discurso. 2024. 244 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024.

3

Curso de Letras Libras: engajamento da comunidade surda da Universidade Federal de Sergipe – do Nordeste para o mundo

Cleide Emília Faye Pedrosa

A Universidade Federal de Sergipe (UFS) aprovou o Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Letras Libras através da Resolução nº 50/2013/CONEPÉ¹, iniciando as atividades em 2014. Foi nesse mesmo ano que regressei à UFS através de novo concurso público.

Com o objetivo de atender as prerrogativas da convenção da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre os direitos das pessoas com deficiência, foi criado o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência², o Plano Viver sem Limite. O Decreto nº 7.612, de 17 de novembro de 2011, que autorizou a criação do Plano citado, foi revogado, recentemente, pelo Decreto nº 11.793, de 23 de novembro de 2023, com a instituição do Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Novo Viver sem Limite³. No entanto, antes da criação do Novo Viver sem Limite, se verificou um expressivo comprometimento sociopolítico com a criação de vários cursos de Letras Libras em Instituições de Ensino Superior públicas do Brasil.

Como se pôde notar anteriormente, foi seguido o caminho da metodologia documental, com base em registros sobre a criação do curso de Letras Libras, como resoluções, decretos e planos. A seguir, no texto, serão apontados artigos jornalísticos que contribuíram para a divulgação dos primeiros eventos acadêmicos do curso, além de dados sobre viagens internacionais realizadas com o escopo de divulgar o nosso curso e os direitos das pessoas surdas.

O capítulo apresenta o seguinte esquema: esta introdução, que explana o objeto de estudo, o objetivo geral e a indicação metodológica; na próxima seção, por meio de dados verbais e fotográficos, trago registros de um dos eventos mais marcantes do curso, bem como de visitas internacionais voltadas à divulgação do papel do curso de Letras Libras na UFS. Na conclusão, destaco o valor desses registros para que nossas conquistas não sejam minimizadas na memória coletiva. Todo esse empenho visa a atingir o objetivo geral de refletir sobre o papel da divulgação do curso de Letras Libras,

¹ Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/10879>. Acesso em: 23 jun. 2025.

² Destaca-se a questão dessa nomenclatura em relação aos surdos, considerando que eles têm a ver com políticas linguísticas e não médicas. No entanto, seus direitos são reconhecidos, legalmente, em leis e decretos que englobam pessoas com necessidades especiais. Na atualidade, há uma orientação para que se use o termo "atípico".

³ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Decreto/D11793.htm#art8. Acesso em: 8 jul. 2025.

nacional e internacionalmente, para uma conscientização política e pedagógica da comunidade acadêmica em relação ao respeito às pessoas surdas e aos seus direitos.

Registro do evento acadêmico “Um dia da Libras no Campus”

Foi a execução do Plano Viver sem Limite I que permitiu, como resposta pactuada por 15 ministérios, em parceria com o Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (Conade) e com contribuições da sociedade civil, a criação de 27 novos cursos de Letras Libras, além de 12 cursos de Pedagogia Bilíngue Libras/Língua Portuguesa. Com isso, abriram-se, à época, 600 vagas para professores e 690 vagas para tradutores e intérpretes de Libras. Foi em uma dessas vagas que concorri e, desde então, atuo como professora no curso de Letras Libras da UFS.

Após a posse no referido concurso, fui eleita coordenadora do curso, considerando que, até então, a “coordenadora” que exercia o cargo havia sido indicada informalmente, enquanto se aguardava a eleição oficial.

Em outro capítulo desta mesma obra, relato minha experiência como docente de surdos. Aqui, desejo incluir o primeiro evento que coordenei. A seguir, apresento alguns dados e imagens.

Um dos maiores eventos vivenciados por nosso curso foi “Um dia de Libras no Campus”. As equipes foram formadas por alunos, intérpretes e professores. Elas visitaram salas de aula, alguns setores administrativos e distribuíram folhetos educativos sobre o povo surdo; também promoveram palestras e apresentações teatrais no Resun (Restaurante Universitário) e no auditório do evento.

Na sequência, são apresentados alguns dados registrados no SIGAA (Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas) da UFS sobre o projeto de extensão desenvolvido:

Quadro 1 – Dados da ação de extensão

Código:	EV130-2015
Título:	Um dia de Libras no campus
Ano:	2015
Período:	24/04/2015 a 24/04/2015
Tipo:	EVENTO
Situação:	CONCLUÍDA
Abrangência:	LOCAL
Unidade Proponente:	DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS / UFS
Outras Unidades Envolvidas:	CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS / UFS
Área temática:	EDUCAÇÃO
Área do CNPq:	Linguística, Letras e Artes
Fonte de Financiamento:	AÇÃO AUTO-FINANCIADA
Convênio:	NÃO
Nº Discentes Envolvidos:	45

Fonte: https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/extensao/Atividade/lista_minhas_atividades.jsf. Acesso em: 8 jul. 2025.

À época do evento e da criação do curso de Letras Libras, eu estava ligada ao Departamento de Letras Estrangeiras, pois o Chefe do Departamento na ocasião era o professor Dr. Sando Drumond Marengo, e foi ele que enfrentou o desafio de fazer a proposta e encaminhá-la para o MEC (Ministério da Educação). Seguem mais dados sobre a proposta:

Resumo: No dia 22 de dezembro de 2014 foi sancionado o projeto de lei (PL 6428/09) do deputado Eduardo Barbosa (PSDB-MG) em que se indica o dia 24 de abril como o Dia Nacional da Língua Brasileira de Sinais (Libras), primeira língua da maioria dos surdos dos centros urbanos do Brasil. O projeto é uma reivindicação da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis), a instituição é dedicada à causa das pessoas com deficiência auditiva, e essa data é parte da luta pelo reconhecimento e definitiva implantação da Libras no Brasil. a escolha da data faz alusão a data da publicação da Lei 10.436/02, que trata da língua de sinais. O Brasil sai na frente com a indicação

desta data nacional, e a UFS, já com sua 2ª turma de Letras Libras (2014.1, 2015.1), ingressa nesse universo, desenvolvendo ações que destacam o uso dessa língua numa comunicação dia-a-dia com sua comunidade surda. Entre as ações, destacam-se: panfletagem, afixação de faixas, visitas às salas de aulas e aos setores a fim de estabelecer uma comunicação básica com os surdos⁴.

Como pode ser constado no resumo, a Libras é a “primeira língua da maioria dos surdos dos centros urbanos do Brasil”. No portal da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), tem-se que “Língua Brasileira de Sinais começou a ser institucionalizada no Brasil com a abertura do atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), em 1857” e que sua “organização partiu do francês Ernest Huet, um professor surdo que veio ao Brasil convidado pelo imperador Dom Pedro II”⁵. Outro aspecto a salientar é que há outras línguas de sinais no Brasil, como expõe Keila Ferreira Cardoso (2023, p. 264):

Há aproximadamente 300 anos na região entre o Rios Tocantins e Xingú surgiram os indígenas Kaapores ou Urubú Kaapor como também são conhecidos. Em suas aldeias sempre houve elevada taxa de surdez, para cada 75 indígenas ouvintes, há um surdo. Com o passar do tempo, foram desenvolvendo uma língua de sinais própria, a Língua de Sinais Kaapor.

Quando foi colocado em prática esse projeto, a UFS já estava com sua segunda turma de Letras Libras (2014.1, 2015.1). Entre as ações, salientam-se: panfletagem, afixação de faixas, visitas às salas de aula e aos setores a fim de estabelecer uma comunicação básica com os surdos. Também foram postos alguns banners em lugares estratégicos de circulação de alunos.

⁴ Disponível em: https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/extensao/Atividade/lista_minhas_atividades.jsf. Acesso em: 8 jul. 2025.

⁵ Disponível em: <https://portal.unila.edu.br/informes/lingua-brasileira-de-sinais>. Acesso em: 8 jul. 2025.

Quadro 2 – Programação

6ª feira: 24 de abril de 2015

Manhã:

8h: reunião com todas as equipes

8h30: visitas a todas as salas de aulas e setores da UFS, panfletagem e divulgação

10h30: visita ao Reitor e outras autoridades

11h30: confraternização turmas 2014.1, 2015.1

Tarde:

14h: visitas a todas as salas de aulas, panfletagem e divulgação

Noite:

19h30: visitas a todas as salas de aulas, panfletagem e divulgação

Fonte: https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/extensao/Atividade/lista_minhas_atividades.jsf. Acesso em: 8 jul. 2025.

“Fazer com que o surdo deixe de ser invisível ao restante da comunidade universitária” – esse foi o objetivo que moveu 60 voluntários, de sala em sala, durante a sexta-feira, 24 de abril de 2015. Eles ensinaram a comunicação básica (“bom dia”, “boa tarde”, “como vai?” etc.) na Língua Brasileira de Sinais (Libras) para uma média de cinco mil alunos na Cidade Universitária, em São Cristóvão, nos três turnos.

Na segunda-feira, 27 de abril de 2015, alunos, professores e intérpretes participaram de um encontro agendado com o reitor e outras autoridades acadêmicas presentes na ocasião.

A seguir, ilustro o evento com fotos publicadas na página da UFS na internet:

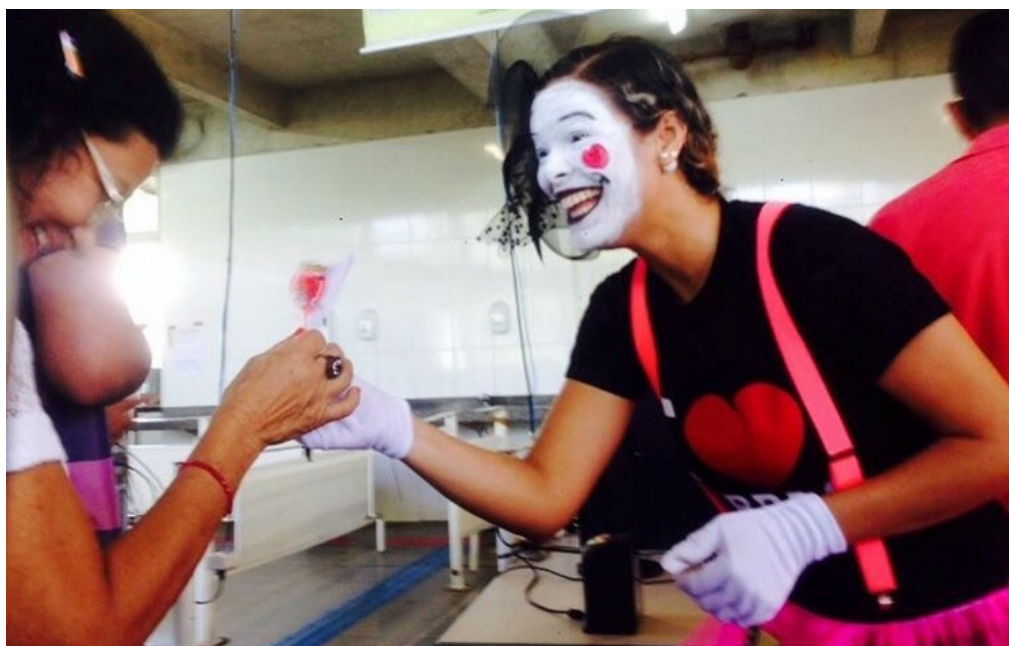
Figura 1 – Visita a uma das salas de aula da UFS São Cristóvão



Voluntários trabalharam nos três turnos durante a sexta-feira, 24/4

Fonte: <https://www.ufs.br/conteudo/16663-dia-de-libras-no-campus-alcan>. Acesso em: 27 jun. 2025.

Figura 2 – Aluna surda em apresentação teatral no Resun



Dia de libras alcança mais de 5 mil alunos

Fonte: <https://www.ufs.br/conteudo/16663-dia-de-libras-no-campus-alcan>. Acesso em: 27 jun. 2025.

Figura 3 – Visita ao Reitor e outras autoridades acadêmicas



Reitor recebeu alunos nesta segunda, 27/4, na Sala dos Conselhos

Fonte: <https://www.ufs.br/conteudo/16663-dia-de-libras-no-campus-alcan>. Acesso em: 27 jun. 2025.

Registro de visita acadêmica à Universidade Gallaudet

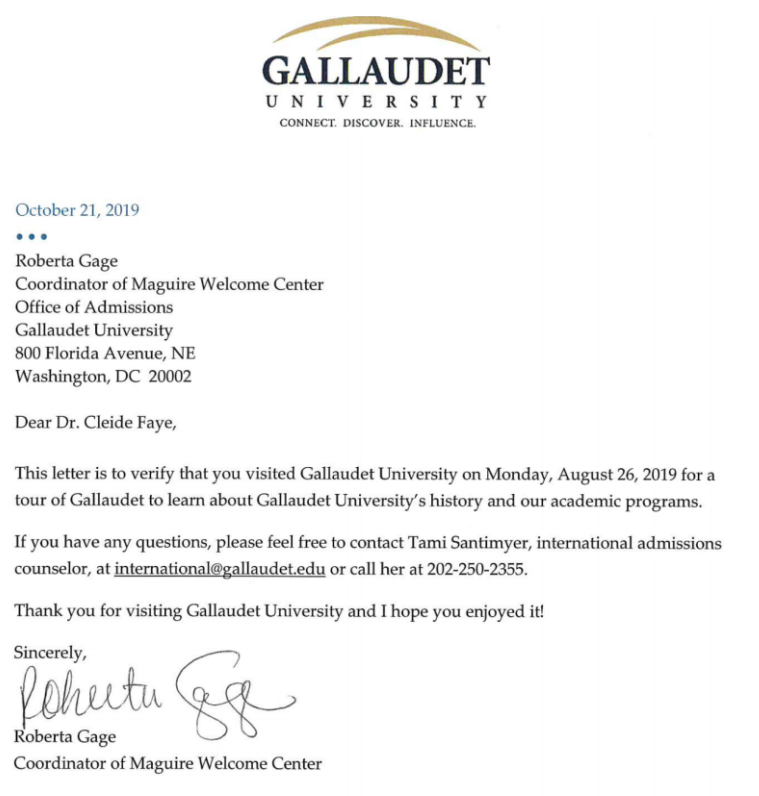
Dando continuidade à promoção da visibilidade da comunidade surda, ressalto a extraordinária visita que realizei à Universidade Gallaudet em 2019 – maior referência internacional na educação de surdos, cuja língua oficial é a Língua Americana de Sinais=. Nessa experiência ímpar, fiz questão de registrar a presença do Departamento de Letras Libras da UFS por meio do uso de um banner. Estávamos a apenas cinco anos da criação do curso e já nos fazíamos presentes internacionalmente.

Figura 4 – Banner sobre visita do DELI-UFS à Universidade Gallaudet



Fonte: Banner particular da autora.

Figura 5 – Documento de nossa visita à Gallaudet



Fonte: A autora (2026).

Outras visitas internacionais foram feitas ao Centro de Atención Múltiple (CAM), no México, à Secretaria de Educação Especial, na Colômbia, e à Casa Jacob, em Portugal, todas referências na área da educação especial. Acrescenta-se, neste contexto internacional, uma palestra realizada em Cabo Verde para surdos, professores e intérpretes sobre a experiência do Brasil em relação à educação de surdos.

Conclusão

Como conclusão, ressalta-se o valor desses registros para que nossas conquistas não sejam minimizadas na memória coletiva. Como a causa surda continua, é preciso consolidar ações comprometidas com uma divulgação crítico-reflexiva dessa história, que marca – e continua marcando – a vida de pessoas surdas, familiares, docentes, intérpretes e de todos os que se envolvem com essa necessária causa social.

Referências

BRASIL. **Decreto no 11.793, de 23 de novembro de 2023**. Institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Novo Viver sem Limite. Brasília, DF: Presidência da República, 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/decreto/d11793.htm. Acesso em: 8 jul. 2025.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 23 de dez. 2005. Seção 1, p. 30. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 10 maio 2023.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 25 de abril de 2002. Disponível em: <http://www.feneis.org.br/legislacao/libras/Lei%2010.436.htm>. Acesso em: 10 maio 2023.

BRASIL. Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência. **Gov.br**, 2011. Disponível em: https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo-/publicacoes/turismo-acessivel/Cartilha_Plano_Viver_sem_Limite.pdf. Acesso em: 30 maio 2023.

CARDOSO, K. F. Língua de Sinais Kaapor: História e Identidade. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 10, n. 5, 2023. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/3222>. Acesso em: 8 jul. 2025.

CAVALCANTE, M. C. B. Sociolinguística. *In*: FARIA, E. M. B. de; CAVALCANTE, M. C. B. (org.). **Língua Portuguesa e Libras**: teorias e práticas. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011. p. 239-281.

PEDROSA, C. E. F. **Projeto de Extensão**: Um dia de Libras no campus. Código: EV130-2015. Sergipe: Universidade Federal de Sergipe, 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. Dia de Libras no campus alcança comunidade acadêmica e externa. **Universidade Federal de Sergipe**, 2024. Disponível em: <https://www.ufs.br/conteudo/16663-dia-de-libras-no-campus-alcan>. Acesso em: 11 jul. 2025.

4

O prazer literário: poéticas leitoras com a comunidade surda

Fernando de Mendonça

Como atrair o público surdo para o prazer do universo literário? Quais os caminhos de mediação, em uma prática de ensino bilingue que contemple estudantes ouvintes e surdos, que potencializem a aproximação a conceitos e obras literárias de maneira envolvente e eficaz? É possível trabalhar textos canônicos, romances e narrativas clássicas, obras da literatura brasileira e universal sem que a comunidade surda se prejudique diante de um contexto tradicionalmente grafocêntrico?

Penso que essas e outras indagações semelhantes rondem a mente de qualquer pessoa disposta a abraçar a docência no ensino dos estudos literários para a comunidade surda. Não foram poucos os temores que me assaltaram quando, dez anos atrás, em meados de 2015, assumi a área de teoria literária no Departamento de Letras LIBRAS (DELI) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), advindo que era do ensino apenas para ouvintes e mantendo o convívio com a língua de sinais em âmbitos informais e não acadêmicos.

Minha preocupação, já que me identifico como alguém partidário de uma pedagogia do prazer, aos moldes do que Roland Barthes defendia desde que publicou *O Prazer do Texto*, em 1973, era de encontrar mecanismos que permitissem uma elucidação do gozo leitor junto a uma comunidade que não tem por hábito a lida com textos escritos verbalmente, mas que prima por recursos visuais e imagéticos.

A poética dos primeiros passos

“Um professor que não ama a leitura
comunica seu desamor mesmo que se apresente
diante dos alunos como um leitor contumaz.”

Elena Ferrante

Dividindo as disciplinas da área literária, no DELI, com o colega Prof. Dr. Carlos Magno Comes, desde o início de minha atuação nesse Departamento fiquei responsável pelas matérias mais diretamente ligadas às bases da teoria literária, um cenário de conceitos que praticamente não dispõe de recursos adaptados em LIBRAS. Lembro-me bem e sempre compartilho o episódio que guardei afetivamente como uma espécie de ‘batismo’ na instituição, quando, no esforço por ensinar, à luz de Jakobson (1973), o conceito da literariedade, ou seja, aquilo que distingue a função poética da linguagem

em um texto, esforcei-me por adaptar todos os meus materiais básicos de acordo com os critérios multimodais mais adequados para um ambiente com estudantes surdos. Ao término da primeira aula, que eu havia ministrado em minha língua materna, oralmente em português, com o apoio de uma dupla de intérpretes de LIBRAS, vimos uma das alunas surdas chorando. Perguntando a ela o motivo das lágrimas, a sua resposta “Estou chorando porque eu entendi” foi o que, desde então, tornou-se a minha memória mais afirmativa de que, sim, é possível alcançar a comunidade surda com conceitos teóricos verbais. A aluna em questão, Rubivânia Andrade, formada na primeira turma do curso Letras LIBRAS, já teve a oportunidade de colaborar em nosso departamento como professora substituta e continuamente mantém relações conosco por meio de atividades de pesquisa e extensão.

Recupero o exemplo acima relatado como o melhor ponto de partida para compreender que uma das mais importantes práticas para o ensino junto à comunidade surda, em se tratando de docentes ouvintes que não possuem a LIBRAS como sua língua materna, não se trata apenas de ter a aptidão bilingue ou a proficiência em línguas de sinais. Considerando a realidade do DELI e de tantos departamentos surgidos em meados da década de 2010, quando o quadro docente das instituições universitárias ainda não contava com profissionais com formação em LIBRAS e muitos professores cooptados vinham de outras áreas do conhecimento para além das Letras, foi bastante comum perceber que, àquela época, uma das principais questões para o ensino nos cursos de LIBRAS era a apropriação de metodologias e didáticas que não excluíssem a perspectiva surda do acesso às fontes e materiais já utilizados nas mais diversas disciplinas. No meu exemplo pessoal, concluo que não foi o fato de ter algum conhecimento em LIBRAS o que me permitiu alcançar Rubivânia em sua surdez, afinal, eu nem utilizei a língua de sinais para me expressar diretamente com ela. O que me abriu caminhos de interlocução foi muito mais o trabalho de adaptar os meus materiais prévios, tentando visualizar aqueles conteúdos da maneira como uma pessoa surda o faria. Um exercício de alteridade, de colocar-se no lugar do outro e de não ficar restrito ao próprio ponto de vista e às limitações que um olhar autocentrado geralmente assume diante dos conhecimentos adquiridos, eis o desafio que toda prática docente precisa enfrentar, inclusive no contexto da comunidade surda.

E foi assim que, dando sequência às aulas e matérias literárias no DELI, também constatei que não era apenas o corpo discente surdo que carecia de um maior cuidado para o contato com o universo poético e literário. O retrospecto mais comum de se encontrar no ensino universitário de ouvintes, em relação à literatura, igualmente se

assenta em uma profusão de episódios traumáticos, advindos do Ensino Fundamental e Médio, quando os textos literários foram indevidamente apresentados e utilizados muitas vezes apenas como ilustração para o ensino de língua portuguesa, o que desvirtua a consciência literária e o caráter múltiplo requerido para uma eficiente formação de público leitor. Como ressalta Antonio Candido (2004), assim como o conhecimento é uma consequência importante da literatura, da mesma forma devemos pensar na emoção e sensibilidade que um texto literário desperta, sem hierarquias para a medição de tais valores. O ensino literário, para surdos e ouvintes, somente se efetiva quando o prazer e a emoção são considerados em primeiro plano, não por obrigações avaliativas, mas pela conscientização de que a palavra poética, na verdade, encontra-se dispersa nas mais diversas mídias e fontes de informação. O ‘coeficiente de humanização’ apontado por Candido em *O Direito à Literatura*, é exatamente o mesmo, para surdos e ouvintes, e diante disso, prevalece o compromisso de que o ensino literário não pode se furtar, sob o intermédio da LIBRAS, de ser igualmente emotivo e pedagógico para os sentidos afetivos da pessoa surda. Daí que, o aprendizado literário, comumente, resulta num agente humanizador de abertura para o próximo, para o mundo e a natureza em geral.

Alianças poéticas para o ensino de literatura surda

“A língua de sinais equipara-se à língua falada,
prestando-se igualmente ao rigoroso e ao poético.”
Oliver Sacks

Uma importante consideração a ser feita sobre o ensino de literatura para a comunidade surda, especialmente em contexto bilingue, é a de que o trabalho docente não pode ser realizado de maneira isolada ou centrada apenas na figura do professor. O primeiro e mais evidente núcleo de parcerias se estabelece com a equipe de intérpretes de LIBRAS. Por mais que sejam conhecidas inúmeras recomendações no âmbito de interação entre profissionais do ensino e intérpretes que atuam conjuntamente em uma sala de aula, no caso específico de conteúdos que se concentrem sobre a função poética da linguagem, pesa um compromisso diferenciado em relação às práticas cotidianas da interpretação em LIBRAS. Sabe-se, por exemplo, que o preparo de intérpretes que venham a trabalhar com músicas e canções, demanda

uma consciência muito mais direcionada para o uso de classificadores, um repertório ampliado em linguagem figurada, cuidados maiores com as expressões faciais e corporais, entre tantos outros critérios que são essenciais para uma adequada transmissão dos conteúdos poéticos típicos ao discurso musical. Da mesma forma, o trabalho de intérpretes em disciplinas de teoria literária também se depara com uma variedade de imaginários poéticos que se multiplicam, seja para a ilustração de conceitos, seja para os exemplos trabalhados em excertos de prosa e poesia¹. Intérpretes de LIBRAS que trabalham diretamente com literatura, invariavelmente, necessitam de uma expansão nos seus horizontes de atuação para o alcance de uma aptidão e autonomia mais funcionais.

Nesse sentido, um episódio que marcou a minha trajetória como professor de literatura no DELI, foi o atendimento de uma demanda específica trazida pela Divisão de Ações Inclusivas (DAIN) da UFS, setor que concentra a mais expressiva quantidade de intérpretes na instituição, que certa vez solicitaram uma capacitação com a abordagem de recursos para interpretação poética, no sentido de otimizar o seu trabalho em possíveis contextos relacionados. Foi assim que, entre julho e agosto de 2019, ofertamos o curso de “LIBRAS e Liberdade Poética: técnicas de interpretação”, acolhido justamente pela equipe de intérpretes que mais diretamente atua nas disciplinas literárias do DELI. Na oportunidade, as discussões em torno da leitura literária enquanto ato performático, assim como de recursos semióticos e intersemióticos, direcionaram uma compreensão comum de parâmetros práticos para a tradução e interpretação poéticas, a serem desenvolvidos e aplicados em âmbito institucional, junto às turmas e públicos que interagem com os discursos poéticos e literários. Foi um despertar importante para o quadro de intérpretes da instituição, a exemplo da motivação gerada em uma profissional lotada no quadro técnico do próprio DELI, a intérprete Raquel Ferreira da Silveira, que desde o início demonstrou interesse em acompanhar as disciplinas literárias e decidiu se especializar como pesquisadora da área, cursando o Mestrado em Estudos Literários a partir de 2022 e defendendo a sua dissertação “As Adaptações da Cinderela Surda e o Visuoleitor”, em 2024, pelo PPGL (UFS), sob orientação do já lembrado Prof. Carlos Magno. Atualmente, Raquel desenvolve sua

¹ Recomendamos a consulta aos III volumes da Coleção “Textos e Contextos Artísticos e Literários: tradução e interpretação em LIBRAS”, organizados por Natália Schleder Rigo entre 2019 e 2020 para a Editora Arara Azul. Disponível em: <http://editora-arara-azul.com.br/textos-e-contextos-artisticos-e-literarios-traducacao-e-interpretacao-em-libras-volume-iii/>. Acesso em: 10 ago. 2025.

pesquisa de doutorado no mesmo programa, com o renovado interesse de refletir processos de interpretação na leitura literária.

Outro desdobramento relevante no sentido de relações estabelecidas para o ensino de literatura surda, e que ultrapassa o âmbito institucional, são as conexões que surgem quase que espontaneamente entre os pares que trabalham com tal especificidade no cenário dos cursos e departamentos de Letras LIBRAS, Brasil afora. Como a realidade da área ainda é restrita e emergente, encontros e parcerias são formados, não apenas a nível regional, mas nacionalmente, sem que um grande esforço seja implementado nesse sentido. Guardo com carinho, por exemplo, o encontro com o pesquisador e professor surdo Bruno Ferreira Abrahão, da UFRJ, ocorrido de maneira inusitada durante o XV Congresso Internacional da ABRALIC, em 2017. Na ocasião, atuei como coordenador de um simpósio sobre a *mise en abyme* na literatura e nas artes, sem distinguir nenhuma ênfase ao contexto da LIBRAS ou da comunidade surda, já que esse não era o foco das pesquisas na Associação Brasileira de Literatura Comparada. Sem me conhecer ou saber de minha afinidade com o tema, o professor Bruno se inscreveu no mesmo simpósio com uma comunicação sobre literatura surda, performance e arte visual vernacular, tornando-se o primeiro surdo a apresentar trabalho em um Congresso da ABRALIC. Assim como para mim, também foi uma surpresa para Bruno encontrar outro colega da mesma área de ensino, sem que nada a respeito da LIBRAS fosse indicado na proposição do simpósio. O forte apelo às visualidades e à multimodalidade que constava no grupo foi o motivo para que ele escolhesse o nosso recorte conceitual, repito, em uma época quando ainda nem se falava em literatura surda na maior associação acadêmica de literatura que temos no Brasil. A aliança não planejada e pioneira, ali estabelecida, oportunizou visitas recíprocas entre nossas instituições, nos anos seguintes, com minha participação em eventos da UFRJ e a participação de Bruno em eventos da UFS, presencialmente (ainda antes da forçada atualização remota instaurada após o contexto da pandemia de Covid-19). Se hoje conseguimos encontrar com melhor frequência a discussão sobre literatura surda em congressos e eventos acadêmicos, isso acontece por pequenos e produtivos encontros como o que vivemos naquela ocasião. Um movimento estratégico na partilha do conhecimento abre portas e descortina horizontes, transformando realidades e potencializando uma comunhão poética sem fronteiras.

Estímulos poéticos e criativos para o empoderamento surdo

“Tirar a literatura em LIBRAS
da comunidade surda é como cortar flores...”
Rachel Sutton-Spence

Uma das grandes ênfases nas reflexões formalizadas sobre literatura surda no Brasil, destaca a importância da área para o empoderamento de sua comunidade e o desenvolvimento da LIBRAS. Desde o trabalho pioneiro desenvolvido pela professora Lodenir Karnopp, com a implantação do curso de Letras LIBRAS na Universidade Federal de Santa Catarina e os primeiros materiais bibliográficos oficialmente organizados para a área da literatura surda dentro do ensino universitário (2008a, 2008b), até em trabalhos mais recentes e amplificados sobre o assunto, a exemplo do volume *Literatura em LIBRAS*, pela professora Rachel Sutton-Spence (2021), todos esses utilizados reiteradamente em minha trajetória docente no DELI, é possível perceber que a expressão identitária e cultural da pessoa surda atravessa as bases de qualquer manifestação literária relacionada à surdez. Como se verifica em toda manifestação idiomática e linguística, as apropriações poéticas da linguagem são fundamentais para a demarcação de afinidades comunitárias e coletivas, o que também já se comprova historicamente e, localmente, como uma força para os surdos sergipanos e tudo o que a UFS agrega, através dos trabalhos no DELI.

Avançando no recorte aqui proposto da década 2015-2025, os últimos cinco anos, apesar de muito prejudicados no curso de Letras LIBRAS em virtude da pandemia, também registraram ocorrências valiosas, inclusive no sentido de uma ampliação por parte do corpo discente, de ações em âmbito de pesquisa e extensão que estreitam ainda mais os laços da Universidade com a sociedade em torno. Saraus literários, oficinas e minicursos de extensão acadêmica, projetos de pesquisa em iniciação científica, entre tantas outras ações têm sido desenvolvidas junto ao alunado do curso, evidenciando-se uma forte identificação nos grupos de estudantes com as expressões poéticas e literárias. Nesse sentido, cabe um destaque para o aluno surdo Antônio Rúbio Andrade (irmão da já citada Rubivânia), que dentre as inúmeras atividades desenvolvidas durante o seu curso, realizou a pesquisa (PIBIC) “Poesia Surda no Nordeste”, sob minha orientação, colaborando no mapeamento da literatura surda e

com isso também contribuindo ao seu histórico no curso, que foi reconhecido em 2023 com o Prêmio Destaque UFS – Prof^a Maria Thetis Nunes, no caso, escolhido como o representante do Centro de Educação e Ciências Humanas. Atualmente, Rúbio atua no DELI como professor substituto.

Entre tantos episódios vivenciados na área dos estudos literários junto ao DELI, todos os exemplos até aqui relatados convergem no sentido de servir como síntese a uma consciência poética que compreende o ato criativo enquanto um recurso essencial para a construção, a manutenção e o aperfeiçoamento da subjetividade humana. Trata-se de uma amostragem breve, mas que, espera-se, represente de maneira significativa a relevância da literatura no curso de Letras LIBRAS da UFS. A partir da compreensão de que o objeto literário sempre opera diretamente sobre a formação humana, o repertório acumulado na área dentro da realidade de uma licenciatura, como é o caso no DELI, contribui não apenas para o amadurecimento de cada estudante em formação, mas impacta no futuro de professores e professoras que encontrarão na literatura surda uma variedade de opções e estratégias inesgotáveis para o ensino e a abordagem da LIBRAS².

Referências

- BARTHES, R. **O prazer do texto**. Tradução: J. Guinzburg. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- CANDIDO, A. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- FERRANTE, E. **Frantumaglia**: os caminhos de uma escritora. Tradução: Marcello Lino. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.
- JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. Tradução: Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1973.
- KARNOPP, L. **Literatura surda**. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008a.
- KARNOPP, L. **Literatura visual**. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina: 2008b. Disponível em:

² Dedico este texto aos espaços que me letraram em LIBRAS e me conectaram primeiramente com a comunidade surda, a saber: a Igreja Batista Boas Novas (SP), na pessoa da professora e intérprete Selma Cardoso, e a Igreja Batista da Capunga (PE), na pessoa do professor e intérprete Pastor Benevando Farias.

www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificca/literaturaVisual/. Acesso em: 10 ago. 2025.

SACKS, O. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. Tradução: Laura Teixeira Motta. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVEIRA, R. F. da. **As adaptações da Cinderela surda e o visuoleitor**. 2024. 140 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – PPGL, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024.

SUTTON-SPENCE, R. **Literatura em LIBRAS**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2021.

5

Da graduação à docência: vivências de egressos do curso de Letras Libras atuando como professores substitutos na UFS

Antônio Rúbio Andrade de Carvalho

Rubivânia Andrade de Carvalho

José Affonso Tavares Silva

Introdução

A comunidade surda brasileira expressa sua vivência de mundo por meio de uma língua com características visuais. A Língua Brasileira de Sinais (Libras) teve seu reconhecimento linguístico por meio da Lei nº 10.436/2002 (Brasil, 2002), que lhe garante não só o status de língua com estrutura própria, mas reconhece as diferentes manifestações culturais do povo surdo.

Após três anos, foi promulgado o Decreto nº 5.626/2005, que regulamenta a lei citada, estabelecendo as normas para seu funcionamento. Em seu artigo 3º há menção à inserção da Libras como disciplina curricular nos cursos de nível superior, sendo sua oferta, de forma obrigatória, naqueles que formam professores, como é o caso das licenciaturas e dos cursos de Fonoaudiologia (Brasil, 2005).

Com a necessidade de formar profissionais de diferentes áreas com conhecimento de Libras, foi preciso pensar na formação daqueles que estavam atuando frente ao ensino da língua, surgindo, assim, o primeiro curso de Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Assim, “O curso de Letras Libras teve projeto piloto com três turmas, uma em 2006 somente com habilitação em licenciatura e as outras duas em 2008, com habilitações em licenciatura e bacharelado” (Lopes; Pego, 2014, p. 50).

As turmas foram sendo formadas, e a abertura de novos cursos, em diferentes estados do Brasil, foi gradativamente crescendo, como é o caso da Universidade Federal de Sergipe (UFS), que deu início à primeira turma no ano de 2014. O curso “teve seu Projeto Pedagógico de Curso (PPC) aprovado sob a Resolução de nº 50/2013/CONEPE, em 21 de novembro de 2013” (Souza, 2022, p. 124).

Ainda de acordo com Souza (2022), o Departamento de Letras Libras da UFS (DELI) recebe matrículas de alunos surdos e ouvintes anualmente. Em seu estudo, a pesquisadora pontua uma característica considerada importante: a atuação de egressos como professores de Libras da própria instituição. Essa atuação, segundo a autora, impacta, principalmente, os estudantes surdos – que veem em seus colegas um espelho de profissionais.

Além disso, essa transição da condição de licenciando para a de professor, especificamente no nível superior, carrega uma carga de responsabilidade muito grande, mas contribui para o lapidar do docente, pois representa a oportunidade de

colocar em prática aquilo que foi vivenciado na formação inicial e de aprender novos saberes.

Em meio a esse contexto, o presente estudo aborda discussões que perpassam esses saberes e experiências, sendo o objetivo principal apresentar vivências de egressos do curso de Licenciatura em Letras Libras da UFS que atuaram como professores substitutos de Libras na mesma instituição de ensino.

O relato das vivências desses profissionais se torna importante por ser possível, a partir disso, compreender os desafios, os principais resultados das práticas e os diversos conhecimentos apreendidos durante o percurso formativo, além de contribuir para instigar outros professores e pesquisadores da área na realização de seus trabalhos acadêmicos e/ou profissionais.

Metodologia

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, tendo como principal delineamento o relato de experiência. A escolha metodológica fundamenta-se na necessidade de compreender os sentidos e significados atribuídos a uma vivência concreta, possibilitando uma reflexão crítica sobre o percurso realizado.

Com base no estudo de Mussi, Flores e Almeida (2021, p. 65), consideramos esse delineamento como

[...] um tipo de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), cuja característica principal é a descrição da intervenção. Na construção do estudo é relevante conter embasamento científico e reflexão crítica.

A partir do que é mencionado pelos autores, este compilado de relatos trata da vivência acadêmica de ensino de três egressos (autores deste estudo), um ouvinte e dois surdos, do curso de Licenciatura em Letras Libras da UFS que, após a sua formação, atuaram como professores substitutos de Libras nessa instituição. Cada um deles lecionou em um período específico – que corresponde aos anos de 2018 a 2025 –,

sendo que os relatos dos informantes são apresentados seguindo a ordem de atuação: 1) José Affonso; 2) Rubivânia Andrade e 3) Antônio Rúbio.

As informações prestadas são registros das práticas realizadas por eles em cadernos de anotações, materiais utilizados e memórias afetivas. Para a organização da apresentação dos dados, optamos por abordar, primeiramente, o relato de cada um dos informantes, expondo suas vivências na graduação e no ensino de Libras como professores substitutos, e, posteriormente, discutir os pontos principais percebidos.

Da graduação à docência: as experiências vividas

Formar-se professor se dá a partir das experiências pessoais, acadêmicas e profissionais vividas em contextos históricos e sociais diversos (Tardif, 2002). A atuação docente, nesse sentido, é um arcabouço das experiências construídas e em constante aprimoramento. Os relatos apresentados nesta seção dialogam com essa perspectiva e revelam diferentes situações passadas por estudantes da graduação que, em um momento outro, passaram a ser professores substitutos do Ensino Superior.

Relato de experiência: José Affonso

A minha experiência como professor substituto de Libras na UFS está relacionada com o curso de Letras Libras, uma vez que, ao mesmo tempo que lecionava como docente, eu também frequentava o departamento como discente. Ingressei no curso de Letras Libras no ano de 2017 e um ano depois fiz a seleção para trabalhar como professor e atuar nos diversos cursos de graduação da universidade, em sua maior parte, no turno da noite.

Na graduação, pude vivenciar momentos ricos de aprendizado e realizar um dos meus sonhos: estudar em uma universidade pública. Além disso, construí laços de amizade que permanecem até hoje, com amigos surdos e ouvintes. As diferentes disciplinas da grade curricular do curso foram fundamentais para a minha formação como professor – desde aquelas voltadas aos aspectos linguísticos da língua até as que abordavam o fazer docente, as pedagógicas.

Apesar dos inúmeros momentos positivos nesse percurso, houve um período muito difícil para todos, o da pandemia da Covid-19. Nossa turma estava prestes a se

formar, e não conseguimos realizar esse momento tão importante em nossas vidas de forma presencial, uma vez que precisávamos ficar em isolamento nas nossas casas. No ano de 2021, então, finalizei meus estudos.

No que se refere ao fazer docente como professor substituto, permaneci nessa função durante dois anos, de 2018 a 2020. Nesse período, tive a oportunidade de colocar em prática o que estava sendo aprendido na graduação, aliado às experiências anteriores como professor da Educação Básica. O início não foi fácil, pois, embora tivesse experiência na docência, era a primeira vez que eu atuava como docente no Ensino Superior, por isso precisei do apoio de colegas de trabalho e amigos da área.

Durante essa trajetória, vivi momentos positivos e outros mais desafiadores. Entre os aspectos positivos, destaco que a didática aliada à ludicidade garante um ensino mais significativo, visto que sempre busquei ensinar de maneira dinâmica e com a participação de todos, especialmente nas atividades práticas, em que a Libras era a língua de instrução, o que contribuiu para o desenvolvimento dos alunos nas aulas. Além disso, a participação de pessoas surdas em determinados momentos fez toda a diferença.

No que se refere aos desafios vivenciados, destaco a insegurança ao atuar em alguns cursos de graduação ou em turmas compostas por estudantes de diferentes formações, o que me fazia buscar, ao máximo, aproximar a língua de todas as áreas. Ademais, houve o contato com um aluno em específico, cujas ações e brincadeiras hoje compreendo como capacitistas – algumas até consideradas “ameaçadoras” ao trabalho docente.

Apesar disso, considero que todos os momentos (positivos ou não) serviram para formar o professor que sou hoje e entender que a profissão docente é um percurso contínuo de aprendizado, mas que precisa de apoio institucional em diferentes áreas, em especial a saúde. Cabe mencionar ainda que o alinhamento entre teoria (graduação) e prática (professor substituto) foi essencial para meu trabalho com o ensino de Libras no Ensino Superior.

Relato de experiência: Rubivânia Andrade

Em 2014, comecei a estudar no curso de Letras Libras. Isso exigiu muito esforço. Foi um grupo grande de alunos surdos e um grupo pequeno de ouvintes. Foi muito bom. Uma troca de aprendizado boa e importante.

Em relação aos pontos negativos, havia alguns problemas. Por exemplo, a atuação do professor e do intérprete nas aulas. O professor não sabia Libras, apenas dava aula falando, e ao seu lado ficava o profissional intérprete, que fazia toda interpretação, mas o professor usava o quadro, e o intérprete se posicionava longe do professor. Eu, sendo surda, precisava olhar para o intérprete, mas o professor dava aula usando o quadro e apontando para a explicação exposta nele. Assim, eu não conseguia visualizar os dois, e ficava difícil acompanhar a aula dessa forma.

Alguns professores sabiam Libras, outros não. Mais ou menos quatro professores sabiam Libras. A professora Ana Flora se esforçou bastante. Alguns sabiam, como os professores Edivaldo e Mônica. Alguns sabiam mais ou menos, mas outros não sabiam. Então era um problema, porque nós surdos precisávamos da Libras. Havia adaptação, metodologia. Eu consegui acompanhar.

Em 2018, eu me formei; foi muito esforço durante quatro anos. Em 2019, passei no concurso para professor substituto e comecei a ensinar na UFS. Não fiquei ansiosa, nervosa, pois eu já tinha uma grande experiência de ensino de Libras nas redes estadual e municipal. Logo comecei a ensinar na UFS a alunos ouvintes.

Em 2019, continuei ensinando, mas depois se iniciou a pandemia, e foi muito complicado, foi difícil. No ensino remoto, diminuiu a quantidade de horas-aula. Passou para duas horas apenas. Foram muitas dúvidas, muito complicado. Pedi ajuda à minha filha e à minha sobrinha – que me ajudaram muito. Faltou acessibilidade também.

No ensino remoto pelo *Meet*, a câmera captava a pessoa que falava, e eu, professora surda, sinalizava. A câmera não captava a minha imagem sinalizando. Foi difícil. Eu fiquei muito triste porque os alunos olhavam a tela do intérprete que falava. Além disso, travava a tela, e alguns alunos fechavam a câmera, outros a abriam. Os alunos não aprendiam rápido. As regras do ensino remoto permitiam apenas duas horas de aula na tela. Depois acabou a pandemia, e voltamos ao ensino presencial.

No ensino presencial, também houve alguns problemas. Os alunos na aula olhavam para a intérprete que estava falando, como se ela fosse a professora, mas eu

era a professora, e os alunos focavam muito na intérprete. Isso me deixava angustiada, triste. Eu queria que eles focassem em mim, que era a professora. Minha experiência como professora substituta finalizou no mês de abril de 2025.

Relato de experiência: Antônio Rúbio

Minha formação ocorreu entre os anos de 2020 e 2024 no curso de Letras Libras, oferecido pelo Departamento de Letras Estrangeiras da UFS. Durante a graduação, tive acesso a uma formação bilíngue, com valorização da Língua Brasileira de Sinais como ferramenta de ensino, aprendizagem e pesquisa. Essa abordagem contribuiu significativamente para o meu desenvolvimento como sujeito surdo e futuro docente.

Entretanto, minha trajetória foi marcada por diversos desafios. Entre os principais obstáculos enfrentados, destaco as dificuldades comunicacionais com intérpretes, especialmente devido à variação linguística dos sinais e à constante troca de profissionais ao longo do curso. A ausência de intérpretes em momentos decisivos comprometeu minha aprendizagem, sobretudo em disciplinas de maior complexidade.

Durante o período de ensino remoto, as falhas técnicas, como instabilidade da internet, travamentos de vídeo e baixa qualidade das videochamadas, intensificaram a exclusão dos estudantes surdos. Além disso, mesmo na condição de discente, eu, Antônio Rubio, era frequentemente procurado por colegas surdos e ouvintes para esclarecer dúvidas e auxiliar em atividades, o que acabou sobrecarregando minha rotina acadêmica.

Outro aspecto sensível foi a dificuldade com a língua portuguesa escrita, segunda língua para estudantes surdos. Apesar do empenho contínuo, essa barreira exigiu tempo, dedicação e esforço redobrado, impactando minha produção acadêmica e gerando insegurança em determinados momentos.

Em diversos episódios durante a graduação, sentia-me exausto e emocionalmente abalado. Era comum receber inúmeras mensagens de colegas solicitando ajuda, tanto surdos quanto ouvintes. Embora sempre me mostrasse solícito, raramente recebia apoio em contrapartida. Minha rotina tornava-se cada vez mais intensa, repleta de responsabilidades. O mais difícil era lidar com a percepção de que, embora fosse apenas estudante, era constantemente tratado como se já fosse

professor, como se a obrigação de auxiliar os demais recaísse exclusivamente sobre mim.

Ainda no 7º período do curso, participei e fui aprovado em processo seletivo para professor substituto de Libras. No entanto, minha convocação oficial ocorreu apenas após a conclusão da graduação, no final de 2024. Assim, a partir de outubro de 2024, passei a atuar oficialmente como professor substituto no Departamento de Letras Libras da UFS, ministrando disciplinas nos turnos da manhã e da noite para estudantes ouvintes, surdos e com deficiência auditiva.

As disciplinas ministradas incluem: Conversação em Libras II, Libras IV, Semântica e Pragmática de Libras, Libras V e diversas turmas da disciplina Língua Brasileira de Sinais – Libras. Em sala de aula, faço uso de variados recursos, como slides, vídeos, quadro, notebook e data show. Minha metodologia de ensino valoriza a prática da Libras por meio de atividades, como apresentações em dupla, seminários e vídeos avaliativos, sempre adaptando os conteúdos às necessidades linguísticas dos alunos.

Destaca-se, em minhas aulas, o uso exclusivo da Libras como meio de comunicação, promovendo uma imersão total na língua e incentivando o desenvolvimento comunicativo dos estudantes. Atuo também em parceria com professores e intérpretes de Libras para garantir a acessibilidade e a qualidade do processo pedagógico.

Além disso, organizo eventos, como palestras com professores experientes, fomentando o protagonismo estudantil, a valorização da cultura surda e a formação crítica dos discentes. Entre as práticas avaliativas, proponho atividades envolvendo diálogos, expressões faciais, vocabulário e discussões culturais, sempre buscando integrar teoria e prática.

Concluo reconhecendo que minha experiência como docente está sendo extremamente enriquecedora, tanto no âmbito pessoal quanto no profissional. Ressalto a importância da inclusão, da acessibilidade e do acolhimento no ambiente universitário, agradecendo a todos que colaboraram e colaboram com minha jornada.

O fazer docente no Ensino Superior: um diálogo com os relatos

As experiências relatadas pelos três egressos mostram os aprendizados e os desafios passados durante a trajetória que se iniciou na graduação e se estendeu até o

Ensino Superior como docentes de Língua Brasileira de Sinais. Nas narrativas, é possível perceber situações semelhantes e outras que divergem pela experiência individual de cada um. No que tange às semelhantes, a primeira delas diz respeito ao ensino de Libras, pois todos enfatizaram que a utilizavam como língua de instrução. Além disso, salienta-se o uso de estratégias didático-pedagógicas nesse ensino.

Silva, Maia e Lima (2019, p. 199) realizaram um estudo cujo objetivo teve relação com o ensino de Libras e o uso de jogos lúdicos. Para eles,

O ensino de Libras como segunda língua não é algo simples. O docente necessita propiciar estratégias para que o discente crie habilidades na língua, além do desejo de aprender e motivação. Principalmente, se os estudantes frequentarem as aulas em um turno mais cansativo como é o da noite, por estudarem ou trabalharem na parte da manhã e/ou tarde. Assim, buscar utilizar jogos lúdicos no processo de ensino-aprendizagem, como foi percebido na pesquisa, contribui para o desenvolvimento estudantil na Língua Brasileira de Sinais, além de proporcionar uma aula mais dinâmica, atrativa e menos cansativa.

O professor de línguas, em especial o de Libras, ao levar em consideração as especificidades dos seus alunos (surdos ou ouvintes), pode proporcionar uma aprendizagem significativa e com sentido. A partir do momento em que se conhece quem é o aluno, seus interesses e suas potencialidades, a escolha por estratégias mais eficazes se torna mais fácil e o ensino, conseqüentemente, mais motivador.

Outro ponto semelhante percebido nas narrativas dos professores foi o desafio vivenciado no período da Covid-19. As experiências compartilhadas desse momento – ora como alunos, ora como professores – mostraram que o ensino remoto trouxe grandes desafios para o processo de ensino e aprendizagem, principalmente para os dois professores surdos. Essa situação também é compartilhada na pesquisa de Pereira e Santos (2023, p. 839), na qual se menciona que

A comunicação entre aluno e professor acaba sendo limitada, tanto pelas questões linguísticas quanto por questões sociais, como a dificuldade de alguns alunos em manter a câmera ligada, seja pela falta de recurso ou pela qualidade da conexão à internet, além do nível de interesse de participação dos alunos nas aulas. Outro ponto destacado é o ambiente onde a aula ocorre, a

limitação espacial, como a participante cita, pois a tela do computador não possibilita que o professor se expresse da melhor maneira, dificultando o feedback sobre o que os alunos estão aprendendo e como estão aprendendo.

Os relatos mencionados pelos autores assemelham-se aos dos professores surdos deste estudo: dificuldades para ver os alunos devido ao não uso da câmera, interrupções na conexão com a internet, entre outras questões que comprometeram a realização de um trabalho adequado e produtivo. Cabe ressaltar que o período de quarentena impôs desafios ao fazer docente no ensino de Libras, não apenas na UFS, mas também em outras instituições de Ensino Superior. Apesar das dificuldades enfrentadas pelos três professores, entendemos que esse processo contribuiu significativamente para sua formação profissional. Neste relato de experiência, observamos como o conhecimento teórico sustenta a prática, articulando-se a outros saberes, pessoais e profissionais, que foram essenciais para o exercício da docência.

Considerações finais

O presente estudo apresentou as experiências relacionadas à transição da condição de licenciandos do curso de Letras Libras para a atuação como professores substitutos na Universidade Federal de Sergipe. Os três docentes relataram vivências individuais ao longo de sete anos como estudantes e profissionais no ensino de Libras.

A formação inicial no curso de Letras Libras, com diferentes disciplinas da grade curricular, se tornou fundamental para o aprendizado de saberes essenciais ao fazer docente, embora, em alguns relatos, percebamos dificuldades que surgiram durante esse processo. Ainda na graduação, os informantes surdos destacaram que nem todos os docentes dominavam a Libras. No entanto, com o contato diário e o apoio dos colegas de sala, a situação foi se transformando, e o aprendizado passou a ocorrer com menos dificuldade. É relevante ressaltar que um dos informantes relatou a dificuldade enfrentada com os próprios colegas, que frequentemente solicitavam sua ajuda nas atividades, sobrecarregando-o em uma função que deveria ser apenas a de estudante.

No tocante à prática como professores substitutos, por sua vez, a maior parte dos relatos apresentou pontos em comum, especialmente no que se refere ao processo de ensino. Destacam-se: o uso da Libras como língua de instrução, a adoção de estratégias didático-pedagógicas exitosas, a interação com os alunos e a aprendizagem

discente. Como ponto desafiador, os três relatos mencionaram o período remoto, sendo que dois deles se referem especificamente ao tempo em que atuavam como professores.

Diante do contexto apresentado, compreendemos que a pesquisa do tipo relato de experiência evidencia a realidade de sujeitos sociais em diferentes contextos – neste caso, o acadêmico –, cuja trajetória é marcada pelas vivências de três professores, desde a condição de egressos de um curso de graduação até suas experiências profissionais em uma modalidade de ensino que exige saberes específicos, como é o caso do Ensino Superior. Assim, esperamos que essas experiências contribuam para a compreensão de que a práxis pedagógica é peça-chave no exercício da docência.

Referências

BRASIL. Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002 e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 2005. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 3 ago. 2025.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 3 ago. 2025.

LOPES, B.; PEGO, C. F. Reflexões acerca do curso de Letras Libras e suas contribuições para a construção de novas perspectivas na Educação a Distância. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 42, p. 46-55, 2014. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1317/1321>. Acesso em: 3 ago. 2025.

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, [S. l.], v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/9010/6134>. Acesso em: 3 ago. 2025.

PEREIRA, A. N. M.; SANTOS, L. F. dos. O ensino remoto na universidade: desafios enfrentados por docentes surdos na pandemia. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 826-846, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/69384/44076>. Acesso em: 3 ago. 2025.

SILVA, J. A. T. S.; MAIA, A. M. F.; LIMA, R. P. de. Implicações do uso de jogos lúdicos no processo de ensino da Libras como segunda língua para pessoas ouvintes. **Revista Diálogos**, Mato Grosso, v. 7, n. 2, p. 187-200, 2019. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/7796/pdf>. Acesso em: 3 ago. 2025.

SOUZA, A. A. N. **Identidades e sentidos na formação do licenciando surdo do curso de Letras Libras/UFS**. 2022. 225 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2022. Disponível em:
https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/15694/2/ADRIANA_ALVES_NOVAIS_SOUZA.pdf. Acesso em: 3 ago. 2025.

Sobre os autores e autoras

Alzenira Aquino de Oliveira – Doutora em Letras, professora, chefe e coordenadora do Departamento de Letras LIBRAS da Universidade Federal de Sergipe.

Antônio Rúbio Andrade de Carvalho – Licenciado em Letras Libras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professor de Libras pelo Centro de Atendimento à Pessoa Surda (CAS-SE).

Cleide Emília Faye Pedrosa – Doutora em Letras, Pós-doutorado pela UERJ (2008). Investigadora visitante na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal (2019-2020). Foi a 1ª do curso de Letras Libras (UFS).

Edivaldo da Silva Costa – Doutor em Educação e professor do Departamento de Letras LIBRAS e do Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Educação Inclusiva da Universidade Federal de Sergipe.

Fernando de Mendonça – Doutor em Teoria da Literatura (UFPE) e Professor Adjunto de Teoria Literária (UFS), atuando no Departamento Letras LIBRAS (DELI), na Pós-Graduação Interdisciplinar em Cinema (PPGCINE) e na Pós-Graduação em Letras (PPGL). Membro do GEFELIT (Grupo de Estudos em Filosofia e Literatura/UFS), do NELI (Núcleo de Estudos em Literatura e Intersemiose/UFPE), e coordenador do CIMEEP (Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos/UFS).

José Affonso Tavares Silva – Licenciado em Letras Libras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Professor Assistente de Libras da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE).

Mônica de Gois Silva Barbosa – Doutoranda em Educação e professora do Departamento de Letras LIBRAS da Universidade Federal de Sergipe.

Rubivânia Andrade de Carvalho – Licenciada em Letras Libras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora de Libras pelo Centro de Atendimento à Pessoa Surda (CAS-SE).

Sobre as organizadoras

Cleide Emília Faye Pedrosa – Doutora em Letras pela UFPE. Pós-doutorado pela UERJ (2008). Investigadora visitante na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal (2019-2020). Iniciou outro Pós-doutorado em 2025, pela UnB. Foi coordenadora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Letras e do curso de Letras Libras (UFS). Atua principalmente nos seguintes temas: Análise Crítica do Discurso, comunidade surda e outros grupos vulneráveis. Suas publicações têm alcance nacional e internacional: Colômbia, Chile, Alemanha, Venezuela, Cabo Verde, Polônia.

Alzenira Aquino de Oliveira – Doutora em Letras pela Universidade Federal de Sergipe - UFS. Pós-Graduação "Lato Sensu" em Educação Especial e Inclusiva pela UNIT e Pós-Graduação em LIBRAS pela Faculdade São Luís de França. Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal de Sergipe - UFS. Especialista em Ensino de Língua Portuguesa como Segunda Língua para pessoas surdas pela Universidade de Brasília - UNB. Atualmente exerce a função de Coordenadora do Curso de Licenciatura em Letras Libras (UFS) e Chefe do DELI no biênio 2025-2027.

Ana Flora Schlindwein – Professora Adjunta da Universidade Federal de Sergipe (UFS), lotada no Departamento de Letras Libras, atualmente na função de Vice Chefe do Departamento de Letras Libras. Doutora em Linguística Aplicada (Linguagem e Tecnologias) pela Unicamp. Mestre em Divulgação Científica e Cultural pela Unicamp. Mestre em Linguística (Análise do Discurso) pela Unicamp. Especialista em Educação a Distância pelo SENAC. Bacharel em Linguística pela Unicamp. Possui também Bacharelado e Licenciatura em Letras pela Unicamp. Apresenta experiência nas áreas de Linguística Aplicada e Educação, com ênfase no desenvolvimento de materiais didáticos para ensino de línguas adicionais.

